

UFRRJ
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**DIAGNOSE DAS PRÁTICAS DESPORTIVAS E DA
COORDENAÇÃO MOTORA NO ENSINO FUNDAMENTAL DAS
ESCOLAS PÚBLICAS DAS CIDADES DE URUTAÍ, IPAMERI E
PIRES DO RIO, CIRCUNVIZINHAS AO CEFET-URUTAÍ-GO.**

Alcyr Alves Viana Neto

2005



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DIAGNOSE DAS PRÁTICAS DESPORTIVAS E DA
COORDENAÇÃO MOTORA NO ENSINO FUNDAMENTAL DAS
ESCOLAS PÚBLICAS DAS CIDADES DE URUTAÍ, IPAMERI E
PIRES DO RIO, CIRCUNVIZINHAS AO CEFET-URUTAÍ-GO.**

ALCYR ALVES VIANA NETO

Sob a Orientação do Professor
Ornides Cintra Kindelán (UCG)

e Co-orientação do Professor
Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Urutaí e UCG)

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Março de 2005

796.01922

V614d

T

Viana Neto, Alcyr Alves, 1966-

Diagnose das práticas desportivas e da coordenação motora no ensino fundamental das escolas públicas das cidades de Urutaí, Ipameri e Pires do Rio, circunvizinhas ao CEFET-Urutaí-GO / Alcyr Alves Viana Neto. - 2005.

95f. : il., tab.

Orientador: Ornides Cintra Kindelán.

Dissertação(mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia.

Bibliografia: f. 74-78.

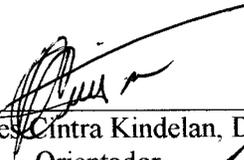
1. Educação física(Primeiro grau) - Goiás(Estado) - Teses. 2. Esportes escolares - Goiás(Estado) - Teses. 3. Capacidade motora - Teses. I. Kindelán, Ornides Cintra. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Agronomia. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

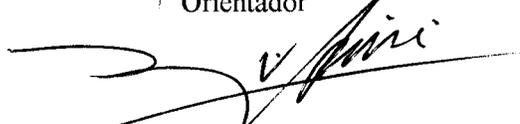
ALCYR ALVES VIANA NETO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Dissertação Aprovada em: 28/03/2005



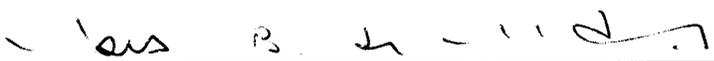
Prof. Ornides Cintra Kindelan, Dr UCG
Orientador



Prof. Aloísio Jorge de Jesus Monteiro, Dr UFRRJ



Prof. Magda Ivonete Montagnini, Dr UEG



Prof. Mara Medeiros, Dr. UFG

DEDICATÓRIA

Não poderia deixar de dedicar este trabalho em primeiro lugar a Deus, por ter me dado muita saúde e paz durante meus estudos, e à minha querida esposa Lúcia e aos meus amados filhos David, Ana Lúcia e Thainá, pela tolerância que tiveram comigo durante todo esse tempo em que estive um pouco ausente na figura de pai e companheiro, sem nunca deixar de amá-los. E ao meu Pai Francisco Xavier Alves, pelo grande exemplo de Pai, trabalhador e esposo a que vivenciei durante essa vida e por sua luta pela minha educação, me ajudando a chegar mais uma vez no final de uma batalha.

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação que agradeço o apoio das pessoas que muito contribuíram nessa minha caminhada durante o mestrado.

Ao meu Orientador, Dr. Ornides Cintra Kindelán, grande amigo e educador, uma pessoa que me fez amar ainda mais esta área tão importante que é a Educação Física. E a Sua Esposa, a Prof^a Elisene Bonach pela paciência pelo tempo em que seu esposo esteve na orientação.

Uma pessoa jovem e de grande competência, que também foi significativa no meu trabalho foi o Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima, do CEFET-Uruaí-GO e Universidade Católica de Goiás, na análise estatística e sugestões.

Ao meu grande amigo e compadre, professor Herimar Santana (Rosa Branca), da FAETEC-RJ, pelas excelentes orientações sobre como analisar os dados coletados..

Ao meu grande amigo e colega de trabalho Edson Marcos Barreto Filho, da UNED Morrinhos, pelas referências a mim doadas e pelos exemplos positivos a serem incluídos no trabalho.

À amiga e Prof^a Maria Vilma de Sousa Moraes, da UCG, pela grande ajuda nesses anos de muito trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	X
ABSTRACT	XI
1 INTRODUÇÃO	01
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	04
2.1 Histórico da Educação Física no Brasil.....	04
2.2 Desenvolvimento Motor e Práticas Desportivas no Ambiente Escolar.....	15
3. MATERIAL E MÉTODO	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	71
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
GLOSSÁRIO	79
ANEXOS	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Seqüência de desenvolvimento motor e faixa etária aproximada para cada fase de desenvolvimento.....	18
Figura 02	Teste de Toque, da modalidade de voleibol.....	34
Figura 03	Teste de Manchete, da modalidade de voleibol.....	34
Figura 04	Teste de Recepção, da modalidade de voleibol.....	35
Figura 05	Teste de Saque Tênis, da modalidade voleibol.....	35
Figura 06	Teste de Cortada, da modalidade de voleibol.....	36
Figura 07	Teste de Bloqueio Simples, da modalidade de voleibol.....	36
Figura 08	Teste de Recepção, Empunhadura e Passe, da modalidade de handebol.....	37
Figura 09	Teste de Drible, da modalidade de Handebol.....	38
Figura 10	Teste de Arremesso em Suspensão, da modalidade handebol.....	38
Figura 11	Teste de Recepção, Empunhadura e Passe, da modalidade de basquetebol.....	39
Figura 12	Teste de Drible, da modalidade basquetebol.....	40
Figura 13	Teste de Arremesso Simples, da modalidade basquetebol.....	40
Figura 14	Teste de Bandeja, da modalidade de basquetebol.....	41
Figura 15	Teste de Equilíbrio para crianças de até 10 anos.....	42
Figura 16	Teste de Equilíbrio para crianças acima de 11 anos.....	43
Figura 17	Teste de Lateralidade.....	44
Figura 18	Teste de Motricidade Global.....	44
Figura 19	Teste de noção de direção e formação de conceito.....	45
Figura 20	Teste viso-motora de arremesso.....	46
Figura 21	Teste Óculo-manual.....	46
Figura 22	Distribuição de freqüência da modalidade de basquetebol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.....	57
Figura 23	Distribuição de freqüência da modalidade de Basquetebol Masculino nas cidades pesquisadas, .2003.....	58

Figura 24	Distribuição de frequência da modalidade de Handebol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.....	59
Figura 25	Distribuição de frequência da modalidade de Handebol Masculino nas cidades pesquisadas, 2003.....	60
Figura 26	Distribuição de frequência da modalidade de Voleibol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.....	61
Figura 27	Distribuição de frequência da modalidade de Voleibol Masculino nas cidades pesquisadas, 2003.....	62
Figura 28	Distribuição de frequência da 4ª série Feminino das cidades pesquisadas, 2003.	63
Figura 29	Distribuição de frequência da 4ª série masculina das cidades pesquisadas, 2003.....	64

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Pires do Rio-GO.....	48
TABELA 02	Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Ipameri-GO.....	49
TABELA 03	Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Urutaí-GO.....	49
TABELA 04	Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Pires do Rio-GO.....	49
TABELA 05	Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Ipameri-GO.....	50
TABELA 06	Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Urutaí-GO.....	50
TABELA 07	Análise estatística referente a cidade de Pires do Rio-GO.....	54
TABELA 08	Análise estatística referente a cidade de Ipameri-GO.....	55
TABELA 09	Análise estatística referente a cidade de Urutaí-GO.....	56

RESUMO

VIANA NETO, Alcyr Alves. **Diagnose das práticas desportivas e da coordenação motora no ensino fundamental das escolas públicas das cidades de Urutaí, Ipameri e Pires do Rio, circunvizinhas ao CEFET-Urutaí-GO.** Seropédica: UFRRJ, 2004. 110p. (Dissertação, Mestrado em Educação Profissional Agrícola, com ênfase em Educação).

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no segundo semestre de 2003 com 410 alunos (ambos os sexos) da 8ª série do ensino fundamental de 11 escolas públicas estaduais das cidades goianas de Urutaí, Pires do Rio e Ipameri, objetivando a avaliação da iniciação desportiva desenvolvido nas aulas de educação física, e 431 alunos (ambos os sexos) da 4ª série também do ensino fundamental das cidades citadas, objetivando a avaliação do nível de coordenação motora daqueles educandos. A intenção de realizar essa pesquisa se deu, pela desmotivação pela atividade física, dificuldades motoras e dos fundamentos das modalidades (voleibol, handebol e basquetebol) que os educandos apresentavam ao ingressar no ensino médio do CEFET-Urutaí (Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí-Go). Testes avaliativos dos fundamentos técnicos do voleibol, handebol e basquetebol foram aplicados nas 8ª séries, além de um questionários contendo questões relacionadas ao desporto escolar e, testes de avaliação motora (equilíbrio, lateralidade, motricidade global, noção de direção, coordenação visual-motora e formação de conceito) com as 4ª séries. Além de questionários para diretores e professores de Educação Física das instituições. Foram detectadas graves dificuldades psicomotoras, falhas na execução dos fundamentos técnicos inerentes às modalidades (basquetebol, voleibol e handebol). E também foi obtido resultado deficiente na avaliação da coordenação motora, principalmente no sexo feminino, o que foi confirmado pela aplicação do teste do Qui-quadrado, bem como, desmotivação do corpo discente pelos desportos e pela atividade física. Depreende-se, então, que o trabalho de coordenação motora e desenvolvimento das habilidades básicas, como saltar, correr, subir, arremessar e lançar objetos, quicar a bola etc nas primeiras séries do ensino fundamental, além de uma boa iniciação desportiva de forma inclusiva das modalidades pesquisadas estão deficientes, ou não estão sendo trabalhadas nas instituições públicas de ensino fundamental investigadas. O desenvolvimento da pesquisa se deu através do estudo, predominantemente quantitativo segundo a abordagem construtivista na construção de conhecimento que, evidentemente não dispensou a análise qualitativa.

Palavras chaves: Educação Física, inclusão e desenvolvimento.

ABSTRACT

VIANA NETO, Alcyr Alves. Diagnosis of the sport practices and of the motive coordination in the fundamental teaching of the public schools of the cities of Urutaí, Ipameri and Pires do Rio, adjacent to CEFET-Urutaí-GO. Seropédica: UFRRJ, 2004. 110p. (Dissertation, Master's degree in Agricultural Professional Education, with emphasis in Education).

This work presents the results of a research accomplished in the second semester of 2003 with 410 students (both sexes) of the 8th grades of the fundamental teaching of 11 state public schools of the cities goianas of Urutaí, Pires do Rio and Ipameri, aiming the evaluation of the school sport developed in the physical education classes, and 431 students (both sexes) of the 4th grades also of the fundamental teaching of the mentioned cities, aiming the evaluation of the level of motive coordination of that students. The intention of accomplishing that research happened, for the absence of motivation for the physical activity, motive difficulties and of the foundations of the modalities (volleyball, handball and basketball) that the students presented when entering in High School of CEFET-Urutaí (Center Federal of Technological Education of Urutaí-GO). Tests evaluations of the technical foundations of the volleyball, handball and basketball were applied in 8th grades, besides a questionnaire containing subjects related to the school sport and, tests of motive evaluation (balance, lateral, global moving, direction notion, visual-motive coordination and concept formation) with the 4th grades. Besides questionnaires for directors and teachers of physical education of the institutions. Serious difficulties psicomotoras were detected, flaws in the execution of the inherent technical foundations to the modalities (basketball, volleyball and handball). And it was also obtained deficient result in the evaluation of the motive coordination, mainly in the feminine sex, what was confirmed by the application of the test of the Qui-square, as well as, the students' absence of motivation for the sports and for the physical activity. It is inferred, then, that the work of motive coordination and development of the basic abilities, how to jump, to run, to arise, to fling and to throw objects, to bounce the ball etc, in the first grades of the fundamental teaching, besides a good sport initiation in inclusive way of the researched modalities are deficient, or they are not being worked in the public institutions of fundamental teaching investigated. The development of the research happened through the study, predominantly quantitative according to the approach construtivista in the construction of knowledge that, evidently didn't spare the qualitative analysis.

Key words: Physical Education, inclusion and development.

1 – INTRODUÇÃO

Essa pesquisa levantou e analisou a realidade do trabalho de iniciação desportiva (modalidades de voleibol, basquetebol e handebol) desenvolvido nas aulas de educação física escolar da 8ª série do ensino fundamental das escolas públicas estaduais das cidades goianas de Urutaí, Ipameri e Pires do Rio. Buscou-se também avaliar a coordenação motora dos educandos da 4ª série das escolas públicas estaduais das referidas cidades, além da 4ª série das escolas públicas municipais da cidade de Pires do Rio e Identificou a qualificação dos profissionais que ministram o trabalho de aprendizagem motora e iniciação desportiva nas aulas de educação física escolar, a estrutura, material didático e número de aulas nas escolas e se o esporte nas escolas da região não estão excluindo boa parcela dos educandos.

O referido tema foi escolhido por problemas apresentados pelos alunos que ingressam ao CEFET-Urutaí, mostrando falhas de uma educação física de qualidade em relação à aprendizagem motora e habilidades desportivas nos conteúdos de esportes que são oferecidos na disciplina de educação física escolar do curso do ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí-GO. Outros fatos que levaram a esse tema foi o alto índice de consumo pelos educandos de bebidas alcoólicas, cigarros e outras pequenas drogas, sem contar a violência física e verbal entre o corpo discente. O estilo de vida da população da região foi outro indicador observado negativamente, em uma pesquisa realizada por esse pesquisador, constatou-se que 79% das pessoas adultas não faziam nenhum tipo de atividade física, sem contar o péssimo hábito alimentar.

A realização desta pesquisa foi feita nas cidades de Urutaí, Ipameri e Pires do Rio, cidades dos quais vêm grande parte dos alunos do CEFET-Urutaí-GO.

O que nos leva a escolha das modalidades que fazem parte dessa pesquisa, além de serem as tradicionais nas escolas e nos jogos estudantis no estado de Goiás, foi o motivo de serem as modalidades que os alunos possuíam maiores dificuldades de execução ou até mesmo desconhecimento, ou nunca passaram pelo processo ensino-aprendizagem em suas

escolas de ensino fundamental. As deficiências apresentadas nos jogos estudantis da região foi outro ponto observado negativamente, assim como, as dificuldades motoras apresentadas pelos educandos. Por esse motivo, fez-se necessário avaliar o nível de coordenação motora dos educandos ao final do primeiro segmento do ensino fundamental.

A iniciação desportiva é importante na formação do educando, pois desenvolve a aquisição das vivências esportivas que possam dar sustentação ao indivíduo, ao se defrontar com tais exigências (GRECO & BENDA, 1998). E desenvolver o gosto do esporte no ensino fundamental é de suma importância, já que é a idade ideal para que a criança tome gosto pelo esporte e pela atividade física.

O desporto escolar é a manifestação esportiva que ocorre no âmbito escolar, no desenvolvimento integral do indivíduo como ser autônomo, democrático e participativo, contribuindo para sua cidadania (TUBINO, 1996).

A importância do desporto na escola não está apenas em proporcionar movimentos que desenvolvam habilidades específicas, mas oferecer um patrimônio cultural da humanidade, já que uma das funções da escola está na transmissão da cultura (GO TANI et al, 1988).

As escolas públicas possuem uma função social muito grande, e o esporte praticado nas instituições de ensino contribui para tal, pois segundo De Rose Jr. (2002), quando trabalhado na escola, dá oportunidade para aqueles que não têm acesso a “clubes e academias” de conhecer, aprender e participar do esporte, seja como forma de lazer ou de competição.

As práticas desportivas, segundo De Rose Jr., “são aquelas atividades desenvolvidas dentro de condições voltadas para o desenvolvimento das capacidades atléticas dos diferentes tipos de esportes individuais e coletivos. (2002, p. 57). O mesmo teórico afirma que as práticas desportivas fazem parte das atividades esportivas desenvolvidas como elementos constitutivos das aulas de educação física.

A prática do esporte na escola não é satisfatória somente aos educandos, mas conveniente a todos da sociedade, seja a comunidade escolar, comunidade em geral e país. Segundo De Rose Jr., “os pais consideram a prática de esportes benéfica para a saúde e favorável ao rendimento escolar”(2002, p.25).

O que temos observado nos educandos que ingressam no CEFET-Urutaí-GO (Centro Federal de Educação Tecnológica) oriundos das escolas públicas das cidade de Urutaí, Pires do Rio e Ipameri, é a falta ou até mesmo ausência de um trabalho de qualidade de aprendizagem motora e de iniciação desportiva, além da desmotivação e desinteresse pela atividade física em geral.

Nos jogos estudantis da região são observadas deficiências nos gestos técnicos e ações táticas nas modalidades que fazem parte da pesquisa, sem contar com os problemas causados por falta de um treinamento adequado para que esses jovens atletas possam suportar as competições, em geral, sem sofrer lesões ou adquirir outro tipo de patologias. Weineck, mostra que “o volume de estímulos tem especial importância em treinamentos de crianças e jovens, pois é através dele que o organismo tem sua capacidade de desempenho sem correr perigos”(1999, p.25).

Foram aplicados questionários a professores de Educação Física, alunos da 8ª série do ensino fundamental e Direção.

A investigação foi do tipo descritiva; os dados coletados foram tratados estatisticamente e os seus resultados analisados, permitindo a elaboração e apresentação de conclusões significativas.

Foram aplicados também testes avaliativos dos fundamentos técnicos do voleibol, handebol e basquetebol. Os testes avaliativos dos fundamentos técnicos destas três modalidades foram estandardizados, mensurados e testados até chegar a um padrão a ser aplicado ao nível dos educandos, já que os testes existentes na literatura são específicos a atletas, pois possuem graus de complexidade, e o público alvo da pesquisa, com certeza, teriam muitas dificuldades de realizá-los. Contribuiria dessa forma para um resultado deficiente e fugiria do objetivo da pesquisa que era em relação ao desporto ensinado nas aulas de educação física escolar.

2 – REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 - Histórico da Educação Física no Brasil

Foi selecionada a revisão da literatura de acordo com a necessidade de analisar o contexto social global que gera e propicia a problemática do esporte no âmbito educacional.

Para maior entendimento sobre o esporte trabalhado na Educação Física Escolar e no treinamento desportivo, buscou-se na literatura a questão histórica, pois não podemos discutir o presente e o futuro, sem nos embasarmos no passado desta importante disciplina pedagógica.

Para essa abordagem histórica, buscou-se a referência de, Penna Marinho (1980), Medina (1990), Pires (1993), Soares (1994), Tubino (1996), Medeiros (1998), Soler (2003), Ghiraldelli jr (2003), Castellani Filho (2003), Souza Neto (2004), Gollner & Fraga (2004) e Azevedo & Malina (2004).

A Educação Física Escolar, tal como a concebemos hoje, tem suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. (SOLER, 2003, p.25).

A educação física só foi oficialmente implantada em nosso país, logo após a vinda da família real ao Brasil, ao criar a Academia Real Militar pela carta Régia de 04 de dezembro de 1810. (PENNA MARINHO, 1980, p.29).

No século XIX, a idéia de implantação da ginástica para os homens nas escolas estava sendo aceita pelos pais, pelo motivo de ser uma prática das instituições militares. Castellani Filho (2003), afirma que o mesmo não aconteceu com relação às mulheres, porque a opinião pública em 1874 odiou a idéia de aula de Educação Física (ginástica, na época), nos cursos onde haviam mulheres.

Várias outras influências foram surgindo no Brasil, como é o caso da Ginástica Alemã. Segundo Soares (1994), a ginástica alemã foi implantada nas escolas públicas em 1870, através de publicação do Ministro do Império. Tubino (1996) afirma que a referida ginástica teve sua implantação em todo Brasil em 1938 através do decreto nº 383, sendo

que a escola militar já adotava esse método de ginástica desde 1860, sendo substituída nas escolas militares após 1912 pela ginástica francesa. Observa-se através desta referência a grande força dos militares em relação à Educação Física no Brasil, já que as novas metodologias eram implantadas inicialmente por essas instituições.

O método Alemão não foi considerado adequado nas escolas primárias sendo inclusive combatido por Rui Barbosa. O Método Sueco era sua preferência para ser desenvolvido nas instituições de ensino, pois achava ser mais eficiente (SOARES, 1994). O Método Sueco que surgiu no início do século XIX, era “voltado para extirpar os vícios da sociedade, entre os quais o alcoolismo, (...) instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios...”(Ibid, p. 71).

No ano de 1929, a educação física passou a ser obrigatória nas escolas para crianças a partir dos 6 anos de idade. (CASTELLANI FILHO, 2003).

Surgiu no Brasil no final do Império e no período da Primeira República, a Educação Física Higienista, um produto do pensamento liberal (GHIRALDELLI JR., 2003), influenciando nesta época, para que a educação física fosse desenvolvida, dentro ou fora dos estabelecimentos de ensino, com uma “visão biologizada e naturalizada da sociedade e dos indivíduos”. Para Soares, a educação física “incorporará e veiculará a idéia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual” (1994, p. 16).

Até o fim da escravidão no Brasil, Soares (2003) afirma que, a Educação Física era privilégio da elite dominante, pois só ela possuía acesso à educação escolar, funcionando como complementação à educação intelectual.

Essas idéias eram importantes para uma sociedade capitalista para a manutenção da ordem. Ainda no século XIX, a educação física junto com os ideais eugênicos, se preocupava na “regeneração e embranquecimento da raça” (SOARES, 1994). Para Soler (2003), eugenia significa “a tentativa através da medicina de se buscar uma raça pura”.

No século XIX o médico tinha grande influência no trabalho da Educação Física, pois era ele quem determinava o conteúdo a ser ministrado. Toda essa influência a ditar o exercício físico, fez com que a educação física sempre fosse vista mais como área de saúde do que pedagógica, já que se objetiva a saúde e não os aspectos sociais, afetivos e cognitivos, sendo, então, mais uma questão médica e não pedagógica. Para Soares, a

Educação Física no âmbito educacional “é uma questão médica e não pedagógica, na medida em que, quem define o conteúdo e ‘permite’ a criança participar ou não de uma aula, é o médico” (1994, p. 155).

Com isso, percebe-se que o profissional na área de Educação Física não passava de um coadjuvante, um cumpridor de tarefas subordinados pelos médicos.

Em 1931, na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, foi criado o primeiro curso de educação física para civis de que se tem notícias, mas que só começou a funcionar em 1934. (SOUZA NETO et al, 2004).

Outra instituição de grande importância na educação física é a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) no Rio de Janeiro, criada em 9 de outubro de 1933, através do decreto n. 23.232, que tinha a função de formar além de Oficiais e Sargentos, alguns Civis para atuar como monitores. Já, no Estado de São Paulo, foi regulamentada a Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo, em 28 de maio de 1936, pelo decreto n. 7.688 (AZEVEDO & MALINA, 2004). Em 1939, foi criada a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, através do decreto-lei n. 1.212. (SOUZA NETO et al, 2004).

Ainda em 1939, foi criado um decreto lei n. 1056, que segundo Tubino (1996), desencadeou a criação da comissão nacional de desportos, cuja função era estudar os problemas no esporte nacional e “apresentar um plano geral para a regulamentação do esporte no Brasil”.

Segundo Tubino (1996), o esporte brasileiro foi institucionalizado no Estado Novo sob a referência do controle de estado, justamente na chamada fase de desagregação, quando Gustavo Capanema era ministro da educação e da saúde.

Ao término da Ditadura do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, aparecem novos métodos de Educação Física, como o método Austríaco e o método da Educação Física Generalizada, onde o esporte passa a ter maior espaço dentro das instituições. Soler (2003).

Castellani Filho (2003) mostra que em 8 de março de 1940 foi criado o artigo 4º do decreto-lei n. 2.072, que exhibe muito bem a finalidade do poder político daquela época, ao usar a educação física para a hegemonia do sistema capitalista: Artigo 4º - A educação física a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da ginástica e

dos desportos, terá por objetivo não somente fortalecer a saúde das crianças e dos jovens, tornando-os resistentes a qualquer espécie de invasão mórbida e aptos para os esforços continuados, mas também dar-lhes ao corpo, solidez, agilidade e harmonia.

Segundo Tubino, “o decreto lei 3.199 de 1941 abduziu pela primeira vez em nosso país, o contexto de esportes da educação física, onde antes era tratado em conjunto, já que são áreas de atuação e conhecimento humano” (1996, p. 45).

Uma educação física com propósito educacional, era difícil de se implantar, pois segundo Castellani Filho,

Enfrentava barreiras arraigadas nos valores dominantes do período colonial, sustentáculos do ordenamento social escravocrata, que estigmatizaram a educação física por vinculá-la ao trabalho manual, físico, desprestigiadíssimo em relação ao trabalho intelectual, este sim, afeto à classe dominante, enquanto o outro fazia-se pertinente única e tão somente aos escravos” (2003, p.44).

Além da Educação Física estar a serviço da classe dominante, também para maior domínio das classes dominadas, as mulheres também eram privadas de muitas coisas já que sua função dentro da sociedade era, segundo Soares (1994), “construir um corpo feminino apto a suportar a nobre tarefa da reprodução”.

A harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza são identificadas como atributos femininos que devem ser preservados apesar da exercitação física. Desenhada por esses cânones estéticos, a mãe brasileira, forte em sua missão patriótica, mas ao mesmo tempo graciosa em seus gestos, resultaria da ação morfogênica dos exercícios, que teriam a força de imprimir consistência orgânica ao efeito visual do espartilho e, assim, modelar as formas corporais. Um colete muscular é o que se espera e não o uso de artifícios programados para a consagração de uma estética anacrônica e nociva à saúde feminina (GOELLNER & FRAGA, 2004, p. 76).

Por essa comparação, fez-se como mostra Castellani Filho, “(...)a idéia dominante da superioridade masculina sobre a feminina(...) tal superioridade calcada essencialmente em determinantes sócio-culturais e não bio-fisiológicos” (2003, p. 59).

A separação de atividades físicas de homens e mulheres é segundo Castellani Filho,

Oportunizar aos homens, maiores possibilidades de se desenvolverem em destrezas físicas, acabaram por reforçar o pensamento dominante acerca do papel da mulher na sociedade brasileira, qual seja, aquele que, ao ventilar a urgência de prepará-la fisicamente para a maternidade, estigmatizou sua imagem, associando-a quase que somente à idéia de mãe (2003, p. 60).

No governo de Getúlio Vargas, a educação física foi um instrumento para se criar o “homem brasileiro”, um indivíduo de grande importância para “classes dominantes no período”, uma pessoa que tivesse um padrão de beleza, “forte”, “inteligente”, “vigoroso e puro”. Para Lima apud Pires, “a educação física deveria desenvolver suas ações com o intento de facilitar a construção de uma ‘raça pura’ brasileira, buscando a eugenia de nossa raça” (1993, P. 59).

Mas, foi apenas em 1941 que deu-se a promulgação do decreto lei n. 3.199, de 14 de abril, onde segundo Castellani Filho,

(...) estabeleceu as bases de organização dos desportos em todo o país, (...) esse decreto-lei permaneceu em vigor até o ano de 1975, quando foi revogado pela lei nº 6.251 que, regulamentada dois anos mais tarde pelo decreto n. 80.228, passou a cuidar dos destinos da educação física e do desporto (2003, p. 100).

Pelo visto, mesmo promulgando uma fala mais adiantada sobre o homem, a educação física ainda indicava ser bastante conservadora em sua ação pedagógica, mas também percebe-se uma redução desta contradição nos anos 60, na medida em que o paradigma sofre uma outra alteração, passando da “área educacional para a desportiva competitiva” (PIRES, 1993, p. 70).

Na reforma da educação, através da LDB de 1961, a educação continuou sendo utilizada para manutenção do sistema já “implantado”, porque mesmo tendo uma inspiração libertadora, cede seu lugar a uma tendência tecnicista nas leis n. 5.540 e 5.692/71. Com a educação física não foi diferente, onde segundo Saviani apud Castellani Filho,

Não houve modificações substanciais em seus traços de personalidade, que viessem a alterar a característica de sua participação na ‘peça’ em cena (...) pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando com esse proceder, assegurar ao ímpeto desenvolvimentista então em voga, mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada” (2003, p. 107).

Então, o objetivo da educação física no regime militar pós 1964, era em relação ao adestramento do corpo. De acordo com Medeiros,

(...)a educação física assume, sem a menor dose de crítica, a missão de treinar o indivíduo a executar determinada tarefa e passa a consumir a idéia de educar como sinônimo de adestrar. Por influência direta do positivismo e por direcionamento do

tecnicismo, passa a perceber o corpo como uma máquina capaz de produzir trabalho (1998, p. 25).

A disciplina de educação física durante o regime militar pós 1964, foi “manipulada” por esse governo e o professor de educação física, segundo Medeiros, “era responsável por ensinar a criança a marchar, cantar o hino nacional e respeitar a bandeira”(1998, p. 16).

Observa-se que mesmo com a criação de novas leis, como é o caso da lei 6.251 e o decreto 80.228, o esporte continuava a enaltecer, principalmente o “ esporte de elite ou federado”. Segundo Manhães apud Tubino,

(...) o Conselho Nacional de Desportos permaneceu como o órgão governamental encarregado da manutenção do esporte como aparelho de estado, reforçando a legislação com deliberações de sentido burocratizante, centralizador e elitista, uma vez , que em nenhum momento reconheceu atividades esportivas que não estivessem inseridas no sistema desportivo nacional, a qual por sua vez, marginalizava o chamado esporte livre, ou popular, também identificado como esporte não formal (1996, p. 53).

A política de educação física e desporto foi criada pelo MEC em 1975. Já, o Plano Nacional de Educação Física e Desporto, dividido em introdução, formulação de objetivos, estratégias, programação e metas, para tratar afinal dos recursos financeiros, foi segundo Tubino (1996) apresentado entre o período de 1976 a 1979.

Este autor destaca ainda que o esporte no Brasil começou a crescer expressivamente a partir da década de 40 até a década de 80. Neste período começou a aumentar a sua inclusão chegando às camadas mais populares através do movimento “esporte para todos”. Mas, foi com a criação da Comissão do Esporte e Turismo em 1983, que a educação física e o desporto teriam maior valor, já que esta comissão iria tratar e revisar o esporte em nosso país.

Em todo o mundo, os intelectuais do esporte revisavam e desenvolviam a política de esporte tornando-a mais abrangente a todos. No Brasil, infelizmente continuava a privilegiar o esporte de alto rendimento. Tubino assim se expressa:

O pior era que o papel do estado estava voltado para uma política de controle social, associada a uma tendência inequívoca de paternalismo. A lentidão de resposta pela sociedade chegando até um conformismo muito próprio daquele ciclo político, impediu que surgissem normas que provocassem mudanças no quadro nacional esportivo (1996, p. 57).

A partir de 1980, a Educação Física começou a passar por algumas “reflexões e desordens”, que foi até certo ponto bom para a área que precisava achar sua identidade, não mais como formadores de homens fortes para o mercado de trabalho, mas para a formação da cidadania do educando. De acordo com Pires,

(...)a educação física brasileira nos anos 80 foi o ponto de partida do desenvolvimento de uma reflexão que buscava a geração de uma ordem na área, que, dialeticamente, produziu uma nova ordem. Isto se deu em função do fato de que os estudos desenvolvidos partiam do princípio de que, em se tratando de educação física, portanto de educação, não se podia pensar na existência de coisas sem importância quando tratamos da formação do cidadão (1993, p. 52).

Após o regime militar, a Nova República precisava mudar a “metodologia de atuação “ da educação física e do desporto e, em 1985, o Ministério da Educação criou a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro. Conforme Tubino (1996) afirma, o relatório apresentado por essa comissão foi um “marco do esporte brasileiro”.

Na Constituição de 1988, no inciso I, deu-se ênfase aos recursos públicos para o esporte educacional para que não mais houvesse problemas no futuro. Com isso, o Conselho Nacional de Desportos, segundo Tubino (1996), fez uma recomendação para o Congresso Nacional que discutia em suas instâncias a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

No período de 1985 a 1989, o esporte-educacional teve um crescimento muito grande, como é o caso dos jogos escolares brasileiros, o crescimento da elite intelectual da área de educação física/desporto e o incentivo fiscal para empresas patrocinadoras que investissem e incentivassem o esporte, mas que no governo Collor, como cita Tubino (1996), acabou sem nenhuma reflexão ou debate, suspendendo o incentivo fiscal através da lei 8034/90 e abandonando a idéia dos jogos escolares brasileiros que tinham objetivos educacionais. Continuando com as afirmações do mesmo autor, o ex-presidente Fernando Collor de Mello, extinguiu um trabalho sério que levou anos para ser implantado, e com isso, transformou novamente o esporte educacional em esporte-performance, justificando que o seu governo era de “resultados”.

Em 1º de setembro de 1998, foi instituído pela Lei n. 9.696/98, o Conselho Federal de Educação Física, com o objetivo de regular a atividade profissional, asseverar o

exercício de qualidade e constituir-se no órgão de defesa do consumidor no que concerne à área da Educação Física.

A educação física vem trilhando por caminhos em busca da sua validade e identificação. Tem um papel de grande importância na educação do cidadão brasileiro, ela não pode se fixar apenas como uma disciplina de caráter lúdico, recreativo, na formação de indivíduos que tenham prazer em realizar atividade física etc. Ela tem principalmente grande importância no contexto social. Medina, publicou em uma de suas obras que,

A educação física (...) enquanto área do conhecimento e aspecto da educação envolvida com o movimento humano, não pode se alienar em suas especificidades motoras, perdendo de vista a sua ação pedagógica (e política) de apoio e colaboração às transformações sociais. Todos os profissionais comprometidos com uma educação física autêntica precisam descobrir e revelar o enorme potencial educativo que se esconde em suas práticas (1990, p. 25).

Sem dúvida nenhuma, houve grande crescimento científico em relação a trabalhos sobre a Educação Física Escolar, Treinamento Desportivo, inovações técnicas e táticas nos esportes, mas muitas vezes esses trabalhos são inviáveis, já que a realidade que vários professores vivenciam em suas instituições de ensino, é o inverso aos laboratórios ou às referências internacionais sobre a área, sem contar que muitos vezes esses profissionais, principalmente nas escolas, não possuem condições de assimilar novas propostas, continuando a reproduzir aquilo que ele recebeu e, por isso, sempre realizou. Segundo Carmo apud Ferreira Neto,

A grande maioria das pesquisas produzidas hoje no Brasil, na área de Educação Física, traz em seus resultados conclusões que dificilmente serão socializadas, visto que a própria forma de relatos ou publicações ditas 'científicas' impedem que a maioria dos professores que trabalham no 1º e 2º graus possam entender ou aplicar o conhecimento produzido, tal a sua distância com a realidade imediata, quer em termos de evolução da prática pedagógica ou da própria capacidade do professor nestes níveis (1993, p. 23).

Há necessidade de transformar a Educação Física Escolar em uma disciplina de grande importância para o educando e não continuar reproduzindo uma educação física adestradora, pois assim estaremos contribuindo ainda mais para manutenção desse sistema social-econômico desigual, mesmo sabendo que esse sistema está bem enraizado no país e não podemos descartar a nossa independência em relação a esse sistema neo-liberal.

Segundo Medina (1990), pela evolução que a “sociologia latino-americana” obteve nas “últimas décadas”, não há como dizer que não somos uma nação totalmente dependente do sistema “capitalista monopolista”.

Segundo Soler, a Educação Física precisa ser empregada na batalha “(...)contra a discriminação e a exclusão social de qualquer tipo, democratizando a oportunidade de participação das pessoas, com infra-estruturas e condições favoráveis e acessíveis” (2003, p. 111).

Devemos repensar por uma educação física de maior qualidade, ela deve segundo Medina (2002), evoluir, enriquecida constantemente por elementos mais significativos ao crescimento humano.

A educação física ainda hoje sofre o enraizamento das políticas públicas do passado, como afirma Castellani Filho “(...) os destinos da educação física e do desporto no Brasil, em pouco ou quase nada alteraram a política traçada pelos seus antecessores” (2003, p. 100).

Seguindo o raciocínio do Prof. Neira (2003), as escolas hoje são veículos de achatamento das classes, e em consequência, aumentam a desigualdades sociais. Aí está então, a importância do profissional de educação física, principalmente nas escolas públicas, no sentido de tentar contribuir para amenizar os problemas que as crianças e os jovens têm sofrido em relação a essas dificuldades, oferecendo uma Educação Física de forma inclusiva e não excludente.

Muito se fala na necessidade de se oferecer uma quantidade grande de atividades físicas e inovações dentro da área para formação dos educandos, mas não há necessidade de tanto, pois segundo Paula, para que a educação física possa colaborar de forma contundente na constituição integral do educando, deve-se,

Variar as práticas (...) para que se possibilite uma enorme gama de movimentos diferentes, pois aumentando o número de experiências motoras, habilita-se o sujeito para uma melhor opção futura da atividade física a que seu corpo melhor se adapta (1992, p. 43).

Segundo Neira, A Educação Física só chegará a ser uma disciplina reconhecida como as demais que se encontram nos currículos educacionais, “quando sua prática se

apresentar contribuinte à formação do cidadão; enquanto persistirem discursos magoados e práticas desprovidas de coerência, nos distanciaremos cada vez mais”(2003, p. 37).

O autor nos mostra que não se pode apenas pensar a Educação Física como uma disciplina limitada, ela deve trabalhar o desenvolvimento global do educando contribuindo na formação de sua cidadania e não apenas no aspecto motor ou desportivo.

Não podemos negar ao educando a possibilidade de compreender a importância da atividade física para que ele possa, através de todo ensinamento recebido, seguir numa determinada atividade de sua preferência e que lhe dê prazer e, não pela influência da mídia.

A Educação Física Escolar possui uma grande missão dentro do contexto escolar, tendo como uns de seus objetivos, desenvolver segundo Soler (2003), “atitudes e conceitos, como participação, cooperação, solidariedade, autonomia, criatividade, fraternidade...”

Segundo Freire apud Soler, a Educação Física Escolar visa desenvolver, os seguintes conhecimentos:

Conhecimento do próprio corpo: Atividades voltadas para partes do corpo, ou para todo ele, objetivando um maior conhecimento sobre o mesmo. Conhecimento do meio ambiente (natural e social): O objetivo é notar as coisas que estão fora do próprio corpo, mas utilizando-se do corpo, pois é o corpo que faz a mediação entre o interno e o externo. Cultura específica da Educação Física: Toda cultura humana está baseada na cultura corporal. Existe todo um acervo de conteúdos que a Educação Física deve mediar, tais como os jogos, a ginástica, as lutas, a dança e o esporte (2003, p. 45).

Este mesmo estudioso destaca que existem subtemas que estão ou deveriam estar presentes no trabalho de Educação Física, como:

Aspectos motores, divididos em: Locomoção: andar, correr, saltar, desviar, rolar, girar, abaixar, levantar, contornar, subir, descer etc. Manipulação: segurar, lançar, chutar, bater, rebater, equilibrar, torcer, apertar, afrouxar, tocar etc. Desportivos: desarmar, driblar, fintar, cabecear, passar, finalizar, conduzir, antecipar etc. Aspectos Afetivos: cooperar, solidarizar-se, organizar grupos, discutir temas, competir, construir regras, altruísmo, agressividade, fraternidade, confiança, frustração, realização etc. Aspectos Intelectuais: táticas, diálogos, teorias, textos, tomada de consciência, imitações, planejamento etc (2003, p. 47).

O esporte, nas aulas de Educação Física Escolar, não pode ser visto como um conteúdo excludente, pois se trabalhado de forma correta, seja no aspecto metodológico, com materiais adequados e utilizar uma boa didática, com certeza o trabalho terá resultados

significativos a todos, seja para aqueles que gostam da competição ou mesmo para os educandos que apenas querem utilizar o esporte como forma de lazer, socialização e promoção da saúde.

2.2 - Desenvolvimento Motor e Práticas Desportivas no Ambiente Escolar.

Segundo GO TANI et al (1988), o esporte é um “ patrimônio cultural da humanidade” , não podemos omitir esse trabalho no âmbito educacional, mas sendo o esporte educacional de forma inclusiva, dando a oportunidade para que todos possam ter acesso a essa grande manifestação cultural.

O desporto é importante por proporcionar situações de movimento que possibilitam o desenvolvimento de cada criança dentro das habilidades específicas, (...) o desporto é uma forma de patrimônio cultural da humanidade, e um dos grandes objetivos da Educação é a transmissão cultural (1988, p. 90).

O esporte pode ser definido em dois aspectos, seja o “esporte participativo” ou o “esporte de performance”.

O primeiro é aquela manifestação que abrange todas as atividades esportivas formais e não formais, colocadas a disposição brasileira, e que incorporam o sentido da participação. E o segundo que era o único entendimento do conceito de esporte, pode ser compreendido como aquela manifestação esportiva que envolve atividades predominantemente físicas com caráter competitivo, sob a forma de uma disputa consigo ou com outros e exercitada segundo regras preestabelecidas aprovadas pelos organismos internacionais de cada modalidade (TUBINO, 1996, p. 68).

Temos um calendário maturativo e evolutivo, um processo biológico, uma organização que inicia-se já na fecundação do espermatozóide ao óvulo. Então, pode-se dizer que do nascimento até chegar a vida adulta essas modificações são profundas. Para Rosa Neto, “As possibilidades motoras da criança evoluem amplamente de acordo com sua idade e chegam a ser cada vez mais variadas, completas e complexas” (2002, p. 11).

Para Greco & Benda (1998) aprendizagem motora é uma mudança no estado interno do indivíduo, a qual é inferida de uma melhora, relativamente permanente no desempenho como resultado da prática.

De Rose Jr. É um autor que mostra a importância da aprendizagem motora no desenvolvimento da criança. Este teórico afirma que,

A atividade motora é de suma importância no desenvolvimento global da criança. Através da exploração motriz, ela desenvolve a consciência de si mesma e do

mundo exterior. As habilidades motrizes são auxiliares na conquista de sua independência. Em seus jogos e em sua adaptação social, a criança dotada de todas as possibilidades para mover-se e para descobrir o mundo é, na maior parte das vezes, uma criança feliz e bem adaptada. Um bom controle motor permite à criança explorar o mundo exterior aportando-lhe as experiências concretas sobre as quais constroem as noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual (2002, p. 12).

E acrescenta que, quando realizamos um fundamento técnico esportivo estamos combinando as habilidades básicas (os movimentos naturais) como por exemplo, na bandeja do basquete, onde se utiliza os movimentos de correr, de saltar e de arremessar. Movimentos esses que são “adquiridos antes dos 7 anos” sendo aperfeiçoados nas fases seguintes. Até os 7 anos a criança aumenta suas “habilidades básicas de locomoção, de manipulação e de estabilização”. Observa-se através dessa afirmação, que uma criança para desenvolver-se com maior sucesso na prática desportiva, a vivência na aprendizagem motora é de suma importância, visto que os movimentos técnicos das variadas modalidades desportivas necessitam desta motricidade adquirida pela criança. O refinamento e a especialização dessas combinações de movimentos naturais, serão melhores desenvolvidos a partir dos 10 anos, onde inicia-se o aprendizado dos esportes.

Trabalhar a partir dos 10 anos com diversos movimentos diferentes é aumentar a bagagem motora. Segundo Weineck,

No processo de aprendizado motor como andar, correr, o aprendizado motor ocorre em partes desde o nascimento (reflexos dos pés, reflexos de coordenação cruzada) e são complementados com o tempo. Este processo de aprendizagem motora inicia-se antes que o córtex cerebral complete seu desenvolvimento anatômico e funcional (1999, p.451).

É de suma importância que o trabalho de aprendizagem motora seja bem desenvolvido para que haja melhor desenvolvimento nas habilidades desportivas. Para Greco & Benda (1998), “as capacidades coordenativas” são fundamentais para execução dos movimentos esportivos que exigem graus elevados de execução.

Essa importância de se trabalhar quanto logo o desenvolvimento motor da criança, pode ser visto na referência de Weineck, ao afirmar que,

Quanto mais cedo houver o domínio da coordenação, tanto mais econômico e específico poderá ser o prosseguimento do condicionamento – sobretudo referente à técnica. O domínio da coordenação resulta sempre numa influência positiva sobre o condicionamento e a técnica (1999, p.38).

Na formação básica geral deve-se atentar para que as exigências da mesma sejam adequadas à idade: elas devem ser motivantes e variáveis, a fim de que possibilitem em aumento sistemático qualitativo e quantitativo da mobilidade corporal. Esta instrução é feita de acordo com a idade e, em alguns casos, como o de crianças, sob a forma de jogos. Pais, professores, instrutores de jardim de infância possibilitam situações de aprendizagem através de jogos, exercícios, brincadeiras de “trepa-trepa”, que constituem um incentivo para o esporte e para o convívio social”. (1999, p.58).

Quando damos ênfase no trabalho do desenvolvimento motor, não estamos discriminando o desenvolvimento afetivo-social e cognitivo, pois segundo modelo de Heimstra e Ellingstad apud Go Tani et al, “ Existe forte inter-relacionamento entre todos os domínios; a ênfase a um deles é apenas uma questão de predominância”. O mesmo autor afirma que “...o trabalho na Educação Física com os movimentos ou habilidades motoras desenvolve a afetividade, a socialização, a cognição e as qualidades físicas envolvidas” (1988, p. 7).

Para Go Tani et al, A Educação Física “(...) pode estruturar o ambiente adequado para a criança, oferecendo experiências, resultando numa grande auxiliar e promotora do desenvolvimento” (1988, p. 73).

Segundo Gallahue apud Go Tani et al,

Para chegar ao domínio de habilidades desportivas, é necessário um longo processo, onde as experiências com habilidades básicas (movimentos fundamentais) são de fundamental importância,[...] a faixa da criança de 4 a 7 anos de idade abrange a fase dos movimentos de múltiplas formas (correr, saltar, arremessar, receber, rebater, quicar, chutar) e suas combinações (1988, p. 13).

Para Greco & Benda, “As capacidades coordenativas são consideradas como pré-requisito do rendimento, do movimento, independente do esporte ou da atividade cotidiana nos quais serão executados(...)”(1998, p. 43).

Para Greco & Benda (1998), quando o indivíduo passa por uma boa aprendizagem motora, haverá maior facilidade de assimilação no aprendizado do fundamentos técnicos dos desportos, pois além de maior bagagem motora, terá também maior inteligência no aprimoramento nos movimentos.

O sistema nervoso central ordena os movimentos, realiza a análise da situação, fixa o objetivo e planeja os movimentos, baseados na sua experiência motora, assim como controla os processos de regulação motora. O desenvolvimento das capacidades coordenativas leva a uma melhoria da percepção, aumenta a memória

motora e o repertório dos movimentos e refina todos estes processos. Um bom desenvolvimento coordenativo melhora a base de assimilação de movimentos novos (1998, p. 125).

Na (Figura 01) Go Tani et al (1988), mostra a seqüência do desenvolvimento motor nas diferentes idades.

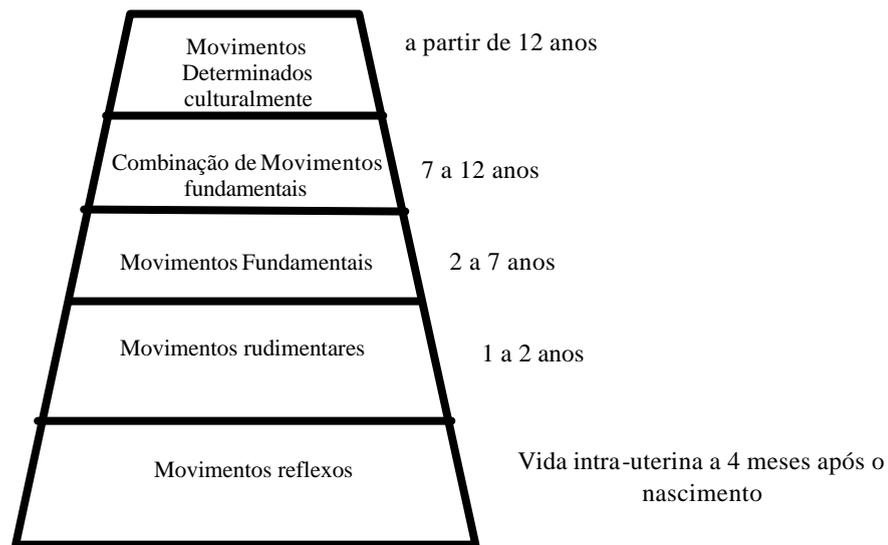


Figura 01: Seqüência de desenvolvimento motor e faixa etária aproximada para cada fase de desenvolvimento

O interesse de crianças de 6 a 10 anos pelo esporte se dá de acordo com Weineck, no começo dessa fase, “já que é marcada por uma movimentação contínua, que se reduz ao nível normal até o fim dessa fase. A comprovação deste gosto pela movimentação é o interesse pelo esporte” (1999, p.108).

Ainda segundo este autor, a “fase de ouro da infância” é entre as idades de 3 a 6 ou 7 anos. Idades que se caracterizam por intensa “movimentação, necessidade de brincadeiras, curiosidade por tudo e aptidão para o aprendizado” (1999, p.108).

Continuando, o mesmo autor pontua que,

Os pequenos jogos são muito importantes no treinamento das capacidades coordenativas devido ao fato de preservar a complexidade da situação vigente em competições e a possibilitar a correção de falhas da coordenação. Além disto,

pequenos jogos estimulam o desenvolvimento da coordenação e são especialmente adequados para o treinamento de crianças e de adolescentes (1999, p.528).

Um excelente trabalho de desenvolvimento motor nas aulas de Educação Física é necessário já que, segundo Go Tani et al,

Se a existência de um desenvolvimento hierárquico é aceita, isto significa que as habilidades, adquiridas nos primeiros anos de vida, formam a base para a aprendizagem posterior de tarefas mais complexas. Além disso, se habilidades básicas são adquiridas até 6 a 7 anos de idade, após este período, provavelmente nada do que nós aprendemos é totalmente novo (1988, p. 88).

Através dessas afirmações deve-se refletir sobre o trabalho que vem sendo realizado nas instituições de ensino, já que vários autores colocam a importância de um excelente trabalho no desenvolvimento da coordenação motora na vida das crianças.

Por essa razão, há a necessidade de uma Educação Física sólida na educação infantil à 4ª série do ensino fundamental. Segundo Go Tani et al,

A Educação Física na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino fundamental deve proporcionar às crianças oportunidades que possibilitem um desenvolvimento hierárquico do seu comportamento motor. Este desenvolvimento hierárquico deve, através da interação entre o aumento da diversificação e complexidade, possibilitar a formação de estruturas cada vez mais organizadas e complexas (1988, p. 88).

Este mesmo autor destaca que, a partir da 5ª série do ensino fundamental, o trabalho de habilidades específicas já poderá ser desenvolvido já que as crianças se encontram em condições, pois desenvolveu uma grande bagagem de habilidades básicas.

Para Greco & Benda (1998), deve-se tomar cuidado quanto ao movimento a ser ensinado, pois o aprendizado de um movimento erroneamente poderá dificultá-lo futuramente, oferecer um grande repertório de movimentos para criança é importantíssimo, mas que esses movimentos tenham qualidades.

Quanto maior a vivência motora, maior a possibilidade de aprendizagem. Quanto mais experiências motoras tiver uma pessoa, maior a probabilidade de combinações que poderá realizar. Porém, esta experiência não se baseia somente na quantidade das vivências anteriores é um aspecto que não deve ser desprezado. Se alguém aprende um programa motor generalizado errado, e, na sua seqüência venha a automatiza-lo, a correção deste movimento é bastante difícil. Assim, a

possibilidade de executar um movimento inédito depende do número de programas motores generalizados na memória e da qualidade destes (1998, p. 189).

Para Greco & Benda, os “Diferentes processos influenciam no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes, entre eles: os processos endógenos de formação da personalidade e de autodesenvolvimento (1998, p. 85). E que “O nível de desenvolvimento das capacidades física, técnica e tática está em direta relação de dependência com os fatores constitucionais, genótipo e fenótipo” (1998, p. 35).

Podemos com isso concluir que, composição corporal, altura máxima esperada, força máxima possível e percentual de fibras musculares dos diferentes tipos etc, determinantes em um melhor desenvolvimento esportivo, estão condicionadas em parte, pelos aspectos endógenos (genótipo) e pelos aspectos interativos com o meio ambiente (fenótipo). Os mesmos autores ainda afirmam que,

É importante destacar que os fatores biotipológicos são de grande importância para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem do indivíduo. Esta capacidade é fundamental para o desenvolvimento harmônico da criança. Portanto, é importante o desenvolvimento de atividades que promovam o interesse e motivem a criança na prática de atividades físicas, objetivando não somente formar um atleta mas também um indivíduo consciente e crítico, que valorize a prática esportiva como inerente à sua saúde e bem-estar (1998, p. 35).

A criança quando passa por todo o processo de ensino aprendizagem, realizado de forma significativa para ela, acaba criando engramas de movimentos, que ajudarão em um melhor aperfeiçoamento dos movimentos. Greco & Benda mostram que,

No final da fase do processo de ensino-aprendizagem, atinge-se a formação de engramas, esquemas motores, que são ativados por sinapses em forma de uma unidade que estará gravada na memória permanente. Esta unidade é considerada pelos pesquisadores da área de neurofisiologia, como uma unidade interneuronal, que se consolida através de rastros na memória, a qual, possivelmente, representa a base para o armazenamento de informações na memória de longo prazo. Esse armazenamento facilita o conhecimento, o reconhecimento, a recordação, o armazenamento e a recuperação da informação de forma consciente e, em parte, inconsciente (1998, p. 165).

Mostram também que o cerebelo é um órgão de grande importância nas atividades motoras do ser humano. Suas informações são essenciais para a execução dos movimentos, aprendizagem, correção e coordenação motora.

O cerebelo, apesar de suas variadas funções, é um dos principais centros de controle da motricidade, atuando de uma forma geral na coordenação motora, no equilíbrio corporal, no tônus muscular e postura, e na correção dos movimentos (Ibid, p. 169).

Existem outros fatores que devem ser cuidadosamente trabalhados para que o educando tenha um bom desenvolvimento desportivo, que é principalmente a questão do trabalho em grupo. Conforme Greco & Benda afirmam,

Coordenar significa também trabalhar com, junto e para o colega; desenvolver a coordenação implica em trabalhar as capacidades que compõem este complexo em forma isolada, e depois, em forma combinada. Como exemplo, temos o equilíbrio e capacidade de mudança, acoplamento com equilíbrio e pressão de tempo, entre outras infinitas combinações. Somente tendo esta base é que poderemos estabelecer, na faixa etária dos 10-12 anos, o começo da iniciação esportiva no contexto dos esportes formais”. (1998, p. 71).

Quanto ao planejamento na área da Educação Física, segundo Go Tani et al, este deve ser elaborado cuidadosamente e de acordo com a realidade dos educandos, pois um planejamento inadequado aos interesses e capacidade do grupo envolvido, poderá trazer graves prejuízos aos alunos, sem contar que perderá o grande objetivo da área que é motivar o educando a prática de exercícios físicos.

(...) se existe uma seqüência normal nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora, isto significa que as crianças necessitam ser orientadas de acordo com estas características. Visto que, só assim, as suas reais necessidades e expectativas serão alcançadas. A não observância destas características conduz, freqüentemente, ao estabelecimento de objetivos, métodos e conteúdos de ensino inapropriados. Em conseqüência, queda de motivação e perda de interesse pela Educação Física (1988, p. 02).

Quanto às metas da Educação Física, é preciso repensar uma educação física escolar de formação total, e não apenas uma prática repetitiva de gestos motores, onde muitas vezes a criança não recebe as informações para o que serve esses tipos de atividade. Tem que se pensar no desenvolvimento motor, mas também na questão afetiva, social e cognitiva. Inclusive, Go Tani et al expõem que as vivências motoras que se começam na infância “são de essencial valor para o desenvolvimento cognitivo, visto

que os movimentos fornecem o principal meio pelo qual a criança explora, relaciona e controla o seu ambiente” (1998, p. 13).

Com relação ao desporto, pode ser um conteúdo da educação física escolar, dos treinamentos das equipes ou os esportes praticados de forma recreativa como as famosas “peladas”. O importante é que ele seja sempre trabalhado de forma inclusiva, valorizando os aspectos educacionais e não o alto rendimento no âmbito escolar. Tubino afirma que,

O esporte-educação deve ser entendido como aquela manifestação esportiva que ocorre, principalmente na escola, mas que pode ocorrer em outros ambientes, e que tem por finalidade o desenvolvimento integral do homem brasileiro como ser autônomo, democrático e participativo, contribuindo para cidadania (1996, p. 68).

O esporte praticado na escola é muito importante, pois além dos grandes benefícios alcançados através da prática esportiva, o número de praticantes é muito maior, e com isso, o número de crianças e jovens que se faz beneficiado pela atividade física no sentido de prevenção de patologias será maior além da chance de aparecimento de grandes talentos para o esporte tanto municipal, estadual e nacional, porque existe uma massificação desta prática. Para De Rose Jr.,

O esporte na escola é importante por várias razões: ser um dos conteúdos de educação física, de ser a escola uma agência de promoção e difusão da cultura e até mesmo por questão de justiça social, uma vez que em outras agências o acesso ao esporte será restrito a um número reduzido de crianças e de jovens associados de clubes esportivos ou clientes de academia e/ou de escolas de esportes.(2002, p.95). (...)as práticas escolares esportivas fazem parte das atividades esportivas desenvolvidas como elementos constitutivos das aulas educação física, enquanto as práticas esportivas escolares são aquelas atividades desenvolvidas dentro de condições voltadas para o desenvolvimento das capacidades atléticas dos diferentes tipos de esportes individuais e coletivos. (FELKER apud DE ROSE JR., 2002, p. 57).

A escola tem um papel importantíssimo no esporte nacional, pois as chances de descobrir atletas de qualidade é muito maior quando você o massifica. Porém, mais importante que fazer talentos é formar cidadãos, pessoas com consciência crítica, conhecedores de sua importância na sociedade e, além disso, que no futuro, esses mesmos alunos possam afirmar que a educação física escolar foi uma disciplina de grande importância na sua formação global, e não apenas esportiva. Para De Rose Jr.,

O esporte na vida de crianças e de jovens deve ter como objetivo contribuir para sua educação e para sua formação como cidadãos que, no exercício pleno de sua cidadania, podem ou não ser atletas (2002, p.96).

Segundo Go Tani et al, o esporte é de grande importância para criança, pois não existe apenas um desenvolvimento físico-motor, mas também as questões de grande importância que são a socialização, a auto-estima, a promoção da saúde e os aspectos do desenvolvimento cognitivo.

Mas, para que o educando possa se desenvolver melhor no esporte, Weineck afirma que os indivíduos com melhor coordenação “aprendem uma técnica esportiva mais rapidamente do que aqueles cujo repertório de movimentos é limitado e cuja coordenação é deficiente”(1999, p.539).

Com relação à prática de esportes na escola, segundo De Rose Jr., as pesquisas têm demonstrado que os pais consideram a prática de esportes benéfica para a saúde e favorável ao rendimento escolar. Mas, existe uma grande preocupação com a precocidade das crianças em treinamentos mais elevados e competições. O autor ainda menciona que,

(...) muitos pais, professores e pesquisadores têm questionado o envolvimento de adolescentes em práticas esportivas sem restrições. O argumento apresentado diz respeito, principalmente, à precocidade com que crianças são submetidas a competições esportivas e a processos de treinamento sistematizado, podendo provocar efeitos negativos psicológicos ao desenvolvimento harmônico da personalidade. No caso dos adolescentes, em função de o esporte historicamente estar associado a propagandas políticas de governos totalitários, muitos educadores e pesquisadores o vêem como uma forma sutil de alienação da juventude (2002, p. 25).

Para Weineck, a atividade esportiva deve instigar a alegria e a motivação da criança. O estado de movimentação e a execução constante dos exercícios devem aumentar o seu “repertório” estimulando a criatividade e a experiência do próprio corpo (1999, p.108). Com isso, devemos trabalhar o desporto escolar, de forma que o educando tenha o prazer, o interesse, maior capacidade criadora e conhecimento do seu próprio corpo.

O mesmo teórico afirma que, a motivação é um fator importantíssimo, pois em qualquer atividade em nossas vidas, na ausência dela, o trabalho sempre será precário. No esporte não seria diferente, visto que para se chegar a um nível ou um modelo de desempenho seja técnica, física e psicológica, leva um tempo considerável e a motivação é

um fator primordial para que o indivíduo consiga chegar ao esporte de alto nível e a continuar em uma determinada atividade física.

Com isso podemos observar que a motivação é um fator importantíssimo não só para um desportista, mas para qualquer indivíduo, pois sem ela tudo que se faz é torturante e sem objetivo.

Neste sentido, Tenroller reforça que,

(...)quando sentimos prazer com o que fazemos, secretamos as betaendorfinas, porém quando não acontece o prazer, hormônios da raiva, as catecolaminas, são jogados na corrente sanguínea o que poderá levar a uma sensação de desprazer e, por conseguinte, ao afastamento das atividades (2004, p. 46).

Para Greco & Benda (1998), as tarefas básicas de formação esportiva nos educandos deve ser feita na escola, continuamente representando os interesses e necessidades das crianças. Apenas na fase de especializar-se é que o clube, as praças de esporte e outros estabelecimentos de caráter competitivo devem oferecer as dessemelhantes opções de prática de modalidades esportivas aos jovens, seja para os esporte de alto rendimento, como também para o lazer e a recreação. Os autores ainda asseguram que,

A iniciação esportiva como meio de formação global do ser humano, proporciona o desenvolvimento psicomotor, o desenvolvimento de capacidades cognitivas, a manutenção da saúde e da prática de atividades físicas e esportivas como um hábito contínuo (1998, p. 73).

De acordo com os autores pesquisados e citados neste trabalho, 10 anos é uma idade ideal para o aprendizado esportivo, mas deve-se tomar cuidado quanto aos riscos de automatizar movimentos técnicos errados. Weineck afirma que:

A melhor fase de aprendizado deve ser aproveitada com exercícios variados, abrangentes, mas também direcionados para consolidação de uma técnica esportiva superficial ou ainda se possível mais refinada. A ampliação do repertório de movimentos deve ser utilizada num contexto global em que possibilite a capacidade de movimentação geral. A capacidade de aprendizado deve, portanto, ser utilizada para um aprendizado preciso; deve-se atentar para que movimentos falsos não sejam “automatizados” evitando-se a difícil correção posterior (1999, p.110).

Continuando com o desporto na escola, é importante frisar que ao se trabalhar esse conteúdo, seja qual for a modalidade, deve-se dar valor ao desenvolvimento físico. O esporte deve ser considerado como atividade predominantemente física, que enfatize o caráter formativo-educacional, participativo e competitivo. (TUBINO, 1996).

De Rose Jr., mostra os problemas relativos à pedagogia do esporte, considerando os limites de atuação já identificados:

1 - Prática esportivizada – Trata-se de uma prática que se vale dos fundamentos e dos gestos técnicos de diferentes modalidades, sem nenhum compromisso com os objetivos do cenário em questão;[...] limita-se à repetição de movimentos, fazendo com que o aluno repita aquilo que já sabe, não possibilitando o aprendizado de algo novo(...) 2 - Prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino – Outra situação comum nas aulas de educação física no âmbito da escola é a repetição das mesmas práticas nas diferentes fases do ensino formal(...) 3 - Fragmentação de conteúdos – É um problema clássico da pedagogia do esporte no ambiente escolar. O esporte é oferecido de forma desorganizada, sem a continuidade e a evolução necessárias ao aprendizado(...) 4 - Especialização precoce – Trata-se de um grave problema da pedagogia do esporte, tanto na educação formal quanto na educação não-formal. A busca pelo resultado positivo a curto prazo, especialmente no Brasil, tem levado profissionais do esporte a especialização como procedimento pedagógico. Ocorre que a especialização acontece cada vez mais cedo(...) (2002, p. 91).

Em relação aos problemas mostrados, De Rose Jr. (2002), propõe uma proposta pedagógica para rebater esse desenho negativo com que o esporte é tratado no âmbito escolar, sem uma filosofia educativa. Por isso, o esporte trabalhado na escola deve seguir o projeto pedagógico da instituição de ensino, oportunizando de forma prazerosa, para que os educandos possam familiarizar e praticar um determinado esporte por toda sua vida, independente de seu objetivo, como lazer, alto rendimento, e promoção da saúde, pois assim se estará solidificando a educação física como uma disciplina. Para isso é de suma importância que o conteúdo seja bem elaborado. Nesta direção, De Rose Jr. Aponta,

Sistematização de conteúdos – Como todos os assuntos trabalhados na escola, o esporte deve ser desenvolvido de forma planejada, organizada e sistematizada. Dessa forma, para ensinar esporte é preciso que os alunos, nas aulas de educação física, tenham a oportunidade de rever constantemente o que já foi aprendido, aprender algo e preparar-se para aprendizado futuros. Sistematizar os conteúdos é um pré-requisito fundamental para dar ao esporte um tratamento pedagógico (2002, p. 91).

Outro aspecto de grande importância é quanto aos diferentes níveis de ensino. De Rose Jr., considera que esse aspecto não é levado em consideração quando se vai trabalhar o esporte na escola, já que as aulas são através de “repetições de gestos, omitindo seu verdadeiro valor no processo de educação de crianças e de jovens (2002, p. 91).

Destaca, também que uma proposta pedagógica que é a “diversificação” de atividades motoras, é de grande valia no processo de ensino aprendizagem do esporte, tanto no âmbito escolar, nos clubes, praças etc. Pois, é através de uma variedade de movimentos e de esportes, que os educandos irão vivenciar e alargar seu repertório de probabilidade e escolher uma modalidade esportiva de seu interesse.

Como se vê, há várias formas de conceber como o esporte é trabalhado, mas uma coisa pode-se afirmar, um dos grandes problemas da educação física escolar, é a falta de um planejamento sistemático que levem os educandos a alcançarem uma meta. Para Greco & Benda (1998), havendo uma “ação metodódica e planejada na infância” a escola contribuirá significativamente na formação esportiva do educando.

Segundo Gama Filho (1992) os esportes no início do desenvolvimento da criança deveriam ser empregados não como forma de aprendizado da técnica, mas sim como suporte para que ela se desenvolva de uma maneira multilateral e acima de tudo que os educandos tenham o prazer naquilo que estão fazendo.

Para que um cidadão possa seguir no esporte seja, na modalidade que mais lhe agrada ou na atividade que lhe dê prazer, a formação motora da criança se faz de grande importância, pois será através de um excelente desenvolvimento motor que poderá aprender mais facilmente um esporte. Para Greco & Benda,

A meta do processo de ensino-aprendizagem formal é a aquisição, estabilização e aperfeiçoamento do acervo motor, aquisição de hábitos motores, obtenção de uma ‘cultura esportiva’ sendo o esporte um meio instrumental operativo para obter objetivos superiores: o lazer, a reabilitação, a profissão no alto nível de rendimento (1998, p. 33).

Para Tubino (1996), retirar o esporte e a competição no âmbito escolar, é assassinar toda uma cultura que há anos vem acompanhando o ser humano. O que se deve mudar é a filosofia de como se realiza as competições, pois ela deve ser de forma participativa, cooperativa, educacional, com responsabilidade e integração. Retirando do meio

educacional as competições que muitas vezes apenas visam resultados e camuflam o correto sentido do esporte no meio educacional.

Em um pequeno trecho da Carta Brasileira do Esporte da Escola, em 1989, registra-se que “(...) o esporte, na atualidade, em suas diversas manifestações, é um dos elementos-chave no processo de permanente educação para o direito inalienável ao lazer”. Com isso, entende-se a importância do lazer na vida do cidadão, e o esporte é uma atividade que propicia isso.

Segundo Soler, “o esporte é muito importante, porque através dele podemos desenvolver atitudes de respeito, companheirismo, a relação intra e interpessoal e assimilação de vários conceitos”(2003, p. 88).

Para Greco & Benda, “O esporte na infância e adolescência tem um valor importante desde o ponto de vista da integração e socialização do indivíduo (1998, p. 17).

Deve-se evitar utilizar as aulas de Educação Física Escolar com a finalidade de desenvolver trabalhos visando o “rendimento e grandes performances em competições de alto nível”, a profissionalização dos educandos na escola, pois o papel da escola não está na formação de atletas de alto rendimento, porque dessa forma estaríamos excluindo uma grande parte dos alunos.

De Rose Jr. (2002), mostra o grande problema que acontece na educação física em relação a cobrança como dita por muitos como uma disciplina formadora de atletas para representar a instituição em competições estudantis e eventos afins, com o único objetivo de promoção da instituição, onde o ideal, o melhor objetivo acaba ficando desmerecido.

Essa preocupação com o marketing excessivo acaba prejudicando e excluindo uma parcela significativa de alunos em prol de uma questão publicitária, esquecendo que, o mais importante é que as aulas de Educação Física sejam uma prática de formação pedagógica para todos.

O desporto escolar deve dar a oportunidade a todos, não apenas a uma minoria que possuem certa facilidade motora e destacando-se dessa forma. Com isso, acaba o esporte escolar tendo como participantes principais esses alunos, fazendo com que os demais fiquem desestimulados pela prática desportiva e em consequência pela atividade física, acarretando problemas futuras no aspecto patológico diminuindo dessa forma sua qualidade de vida.

Para De Rose Jr., “faz-se necessário um novo olhar acerca do esporte. É preciso vê-lo não mais como uma prática exclusiva para atletas e talentos, mas como alternativa para todos os cidadãos” (2002, p.89).

Dentro das modalidades que foram pesquisadas podemos dizer que o ensino do handebol na escola não deve ser apenas treinar de uma forma estruturada tecnicamente, pois o seu êxito está muito mais ligado a capacidade de aprendizagem técnica com base coordenativa, já que é uma modalidade que requer um bom desenvolvimento motor, e se até a 4ª série do ensino fundamental o educando não tenha passado por um trabalho bem planejado e motivado, poderá no futuro ter um desenvolvimento deficiente pela pouca gama de informações motoras recebidas (MONTANDON, 1992).

No trabalho com a modalidade de basquetebol, este é um esporte rico para auxílio do desenvolvimento das qualidades físicas básicas e motoras, pois através dele podemos correr, saltar, lançar, desenvolver a bilateralidade, socialização e aspectos cognitivos com o aprendizado de regras. (GAMA FILHO, 1992).

O voleibol, como qualquer modalidade esportiva, requer boa coordenação motora e ter prazer em vivenciá-lo, fazer o educando gostar do voleibol é um começo importantíssimo, deve-se investir na aquisição das técnicas corretas de execução dos gestos básicos, pois isto fará aumentar a eficiência e conseqüentemente o prazer de quem o pratica. (REZENDE, 1992).

Como já foi mencionado, nas aulas de educação física, seja no ensino fundamental ou médio, praticamente é desenvolvido o mesmo conteúdo em todos as escolas, aulas totalmente tecnicista, privilegiando alguns e excluindo outros. Uma educação física preocupada apenas em formar atletas, mesmo que seja apenas uma pequena parcela da turma. Será que os profissionais que estão hoje no mercado de trabalho nas instituições de ensino estão esquecendo o maior valor dessa disciplina? Ou será a falta de capacidade dos profissionais, pessoas ministrando a disciplina sem formação acadêmica ou que tiveram sua formação de forma precária? Na verdade, o profissional da educação física tem uma grande função social e não apenas formar talentos esportivos, sua importância está em ensinar a prática de um esporte a todos e não apenas a uma minoria.

(...) a importância do professor de educação física na condução do processo educacional e da utilização do esporte na perspectiva de torna-lo mais socializante.

Nesse contexto, destacam-se três pontos importantes aos quais o profissional deve estar atento. Primeiro, a educação é uma área de intervenção e o professor deverá sempre promover intervenções positivas, ou seja, mostrar para o aluno o certo e não simplesmente comentar e criticar o errado. Segundo o professor deverá sempre incentivar e motivar todos os alunos a praticar esportes. Todas as crianças e os jovens têm o direito de aprender esporte. Não se trata de excluir o talento, mas sim de incluir quem não tem talento. Terceiro, caberá ao professor de educação física promover e administrar a relação de ensino e de aprendizagem do esporte na escola. Para tanto, será necessário valer-se da pedagogia do esporte e não da simples administração da prática esportivizada (DE ROSE JR., 2002, p.96).

A Educação Física no âmbito educacional deve ser valorizada como uma disciplina pedagógica de grande importância no desenvolvimento dos educandos, para isso, a formação dos profissionais que irão atuar nesta área é fundamental para que haja um desenvolvimento mais significativo dos educandos e com isso, maior reconhecimento desta importante área. Segundo Weineck,

As escolas têm um grande significado no desenvolvimento coordenativo das crianças, pelo fato de proporcionarem uma formação poliesportiva e abrangerem todo as crianças. Infelizmente, a educação física em escolas cabe freqüentemente a professores que tiveram somente uma formação geral ou que freqüentaram um curso rápido sobre este assunto. Além disto, a educação física é freqüentemente desconsiderada como uma matéria relevante em escolas onde a disciplina e a ordem são prioritárias (1999, p.555).

O profissional de educação física muitas vezes é um exemplo para os alunos, um estimulador da integração, da motivação, das boas virtudes, da atividade física etc. Para Soler (2003), o educador é o espelho de seus alunos, e sempre serve como arquétipo, e, quanto mais a criança puder ter referência da atividade, melhor para ela e igualmente para o docente.

De Rose Jr. (2002) mostra que é importante usar uma metodologia inovadora, fazendo da educação física escolar uma disciplina voltada para o desenvolvimento tanto físico, cognitivo e motor do educando. Pois, quando se trabalha o esporte escolar numa seqüência pedagógica, numa faixa etária ideal, onde o desenvolvimento individual é primordial, a criança se vê e se observa crescente neste processo, e com isso elevando sua motivação a busca e desafios de ultrapassar novas barreiras, pois trabalhando dessa forma estaremos colaborando com projeto pedagógico e integrando o profissional de educação física como um educador da instituição e não apenas como “boleiros” e “recreadores” . O

educando se integrará no contexto social, facilitando a busca de novas experiências, elevando a auto-estima, desenvolvendo o espírito de grupo, e isso, são qualidades essenciais na formação da cidadania.

Um grande problema enfrentado pela Educação Física Escolar é a questão da avaliação. Segundo Freire apud Soler,

Se é difícil avaliar a aprendizagem da escrita e da leitura, do cálculo, da geografia etc., que dirá quanto à aprendizagem em Educação Física? Como avaliar a aprendizagem do movimento quando sabemos a infinidade de fatores nele envolvidos, tais como força muscular, resistência, agilidade, equilíbrio, ritmo, sentimento, cognição, afetividade, etc? (2003, p. 143).

Avaliação também é uma forma de parâmetro para diagnosticar como o educando vem se desenvolvendo dentro do conteúdo. Segundo Souza,

O processo avaliativo caracteriza-se por uma tomada de decisão de forma democrática. A avaliação se manifesta como um mecanismo de constante diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço, o crescimento, a tentativa de solução dos problemas e a busca de caminhos alternativos, contando para isto com a participação e a sugestão da comunidade escolar na prática educativa, dentro de um processo de avaliação recíproca (1993, p. 128).

Para Luckesi apud Souza, “com a função diagnóstica, a avaliação constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência” (1993, p. 128).

Como pudemos observar, a avaliação na educação já é problemática, na educação física parece ser ainda pior, consultando Mathews (1980), observou-se que a forma que o professor deve avaliar a coordenação motora da criança, tendo todo o cuidado, notando não apenas seu desempenho na execução, mas também o modo pelo qual ela tenta ou consegue executar o exercício. Sendo que não há norma estatística para esse teste, para o autor, o desempenho de cada criança deve ser avaliado de acordo com a sua relação com a classe a que pertence, como um todo.

Sobre os exercícios mais adequados para fazerem parte da avaliação motora, Mathews mostra que:

A escolha dos exercícios a serem incluídos na pesquisa de percepção motora é limitada apenas pela imaginação do professor. Entretanto, o exame deve incluir

pelo menos atividades que permitam a avaliação do seguinte: Lateralidade, noção de direção, equilíbrio, coordenação visual-manual e formação de conceitos (1980, p. 197).

O mesmo teórico ainda afirma que dentro da educação física há poucos testes com “bom jogo de normas”. Dessa forma, não devem ser usados testes caso haja insegurança em sua aplicabilidade, é melhor elaborar suas próprias normas em relação a situação em que irá aplicar os testes.

Segundo Rosa Neto, há várias formas de avaliar o desenvolvimento motor de uma criança, mas nenhuma é perfeita, mas “a escolha e manejo de um instrumento de avaliação estarão condicionados por diversos fatores, como formação e experiência profissional; manuseio do material; aplicação prática; população; interpretação dos resultados” (2002, p. 29).

Para Mathews, quando se avalia uma criança, deve-se ter atenção quanto à forma que executa o exercício e não apenas na execução.

O avaliador deve observar a criança cuidadosamente, notando não apenas seu desempenho na execução, mas também o modo pelo qual ela tenta ou consegue executar o exercício(..). Não há norma estatística para esse teste; o desempenho de cada criança deve ser avaliado de acordo com a sua relação com a classe a que pertence, como um todo. Entretanto, o professor deve observar o modo pelo qual executa o exercício. Seus movimentos são fáceis, relaxados, coordenados? Ou conserva o corpo rígido, demonstra ansiedade e tensão? Mathews (1980, p. 197)

Como se pode observar nas referências, não existe um protocolo exato quanto à avaliação dos fundamentos técnicos e da coordenação motora, depende da criatividade do avaliador, mas que seja compatível a realidade dos educandos, por esse motivo, o pesquisador adaptou aos testes do autor Francisco Rosa Neto, que poderá melhor ser visto no item Material e Método.

Pesquisando na literatura e instituições de pesquisa formas de avaliação dos fundamentos técnicos das modalidades de voleibol, basquetebol e handebol para serem utilizadas nas aulas de educação física, viu-se apenas testes de avaliação para indivíduos com boa praticidade, não cabíveis ao nível dos educandos no final do ensino fundamental. Por esse motivo, acredito que seja um tema para que a comunidade científica possa

desenvolver avaliações para que sejam utilizados pelos educadores como forma de avaliar o trabalho ministrado nas aulas de educação física escolar das instituições de ensino.

3 - MATERIAL E MÉTODO

Os dados foram coletados na cidades de Pire do Rio-GO que fica localizado na latitude -17:17:59 (sul), longitude -48:16:46 (oeste) e altitude 758 metros; na cidade de Ipameri-GO localizada na Latitude -17:43:19 (sul), Longitude -48:09:35 (oeste) e altitude 764 metros e na cidade de Urutaí-GO, localizada na latitude -17:27:49 (sul), longitude -48:12:06 (oeste) e altitude 807 metros. (www.aondefica.com, 2004).

Foram aplicados os seguintes questionários: um questionário (Vide Anexo A) a 24 professores de Educação Física; um questionário (Vide Anexo B) a 410 alunos (ambos os sexos) da 8ª série do ensino fundamental relacionados à educação física, treinamento desportivo, competição e saúde e outro questionário (Vide Anexo C) a 22 Diretores com questões relacionadas à administração, e estruturação e planejamento do trabalho de desporto escolar na educação física e no treinamento desportivo.

A investigação foi do tipo descritiva; os dados coletados foram tratados estatisticamente e os seus resultados analisados, permitindo a elaboração e apresentação de conclusões significativas.

Foram aplicados, também, testes avaliativos dos fundamentos técnicos do voleibol, handebol e basquetebol. Os testes avaliativos dos fundamentos técnicos destas três modalidades (Vide Anexos D, E, F) foram adaptados, de acordo com os testes citados por Mathews (1980). Foi standardizado ao nível dos educandos, já que os testes existentes na literatura são específicos a atletas, pois possuem graus de complexidade, e o público alvo da pesquisa, com certeza, teria muitas dificuldades de realizá-los, contribuiria dessa forma para um resultado deficiente e fugiria do objetivo da pesquisa que era em relação ao desporto ensinado nas aulas de educação física escolar.

Todos os testes utilizados na pesquisa foram standardizados, mensurados e testados até chegar a um padrão que pudesse ser significativo na pesquisa. Para cada aluno eram oferecidas 03 tentativas para execução em cada teste, sendo as seguintes:

- MODALIDADE DE VOLEIBOL

- Fundamento de Toque

O pesquisador se posiciona a uma distância de 3 metros do aluno avaliado. Deverá o pesquisador lançar a bola de forma simples, fazendo uma parábola na direção do avaliado que deverá utilizar o toque para retornar a bola para o pesquisador. (Figura 2)



Figura 2: Teste de Toque, da modalidade de voleibol.

- Fundamento de Manchete

Utilizando o mesmo método do teste de toque sendo que o avaliado utilizará a manchete para retornar a bola ao pesquisador. (Figura 3)



Figura 3: Teste de Manchete, da modalidade de voleibol.

- Fundamento de Recepção

O pesquisador se posiciona de um lado da quadra a uma distância de 6 metros da rede e o avaliado estará do outro lado na mesma distância (6 metros) também da rede e entre dois cones paralelos a rede. O avaliado deverá receber a bola de manchete e passar ao assistente que estará no centro da quadra. A rede deverá ter uma altura de 2,20 metros. (Figura 4)



Figura 4: Teste de Recepção, da modalidade de voleibol.

- Fundamento de Saque de Tênis no voleibol.

Colocar um cone a 7 metros da rede ou marcar uma linha paralela à linha central a essa mesma distância, onde o avaliado deverá efetuar o saque sobre a rede, que deverá ter uma altura de 2,20 metros. O avaliado poderá também, se for de sua escolha, efetuar o saque da linha de fundo (9 metros) da rede. (Figura 5)

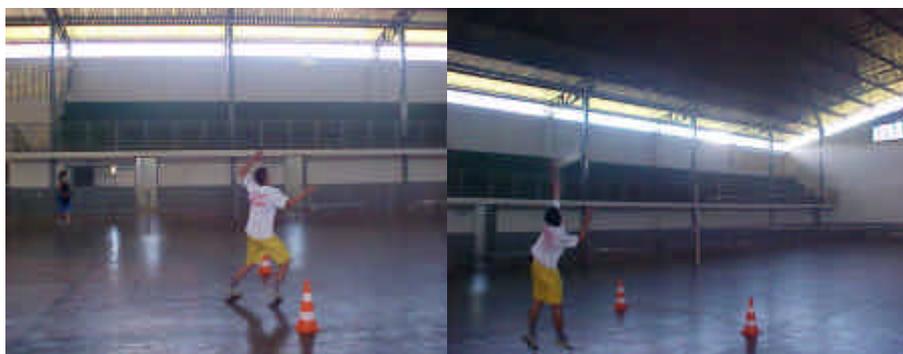


Figura 5: Teste de Saque de Tênis, da modalidade voleibol.

- Fundamentos de Cortada

O pesquisador se posicionará ao lado da rede próximo a 3 metros da linha lateral (posição de entrada de rede). O avaliado se posicionará sobre a linha de 3 metros. O pesquisador deverá lançar uma bola a uma altura ideal ao biotipo do aluno avaliado. A bola a ser cortada deverá estar a uma distância de no mínimo 30 cm da rede e afastada no máximo 1 metro, a altura da rede será de 2,20 metros. (Figura 6)



Figura 6: Teste de Cortada, da modalidade de voleibol

- Fundamentos de Bloqueio Simples

O avaliado se posicionará de frente a rede a uma distância de seu ante-braço. O pesquisador se posicionará do outro lado da quadra, em cima da linha de 3 metros e lançará a bola sobre a rede, que deverá ter uma altura de 2,00 metros, onde o avaliado deverá interceptá-la. (Figura 7)



Figura 7: Teste de Bloqueio Simples, da modalidade de voleibol

- MODALIDADE DE HANDEBOL

- Fundamento de Recepção, Empunhadura e Passe

O pesquisador posicionará de frente ao avaliado a uma distância de 4 metros. O pesquisador passará a bola na direção do peito do avaliado que deverá segurá-la e passar novamente ao pesquisador utilizando o passe de peito. (Figura 8)



Figura 8: Teste de Recepção, Empunhadura e Passe, da modalidade de handebol.

- Fundamento de drible

Distribuir 2 cones, um de frente para o outro a uma distância de 9 metros, onde o avaliado deverá realizar os dribles se deslocando de um cone a outro,

utilizando a mão direita na ida e esquerda no retorno, num tempo de 15 segundos cada tentativa.(Figura 9)



Figura 9: Teste de Drible, da modalidade de Handebol.

- Arremesso em suspensão.

Colocar um cone a 9 metros da linha de fundo (centralizado) onde sairá o avaliado. O pesquisador se posicionará do lado direito do avaliado a uma distância de 4 metros e passará a bola ao avaliado que deverá realizar o arremesso dando 2 a 3 passos. (Figura 10)



Figura 10: Teste de Arremesso em Suspensão, da modalidade handebol.

- MODALIDADE BASQUETEBOL

- Fundamentos de recepção, empunhadura e passe

O pesquisador se posicionará de frente ao avaliado a uma distância de 4 metros, que passará a bola na direção do peito do avaliado que deverá segurar e realizar o passe de peito na direção do pesquisador. (Figura 11)



Figura 11: Teste de Recepção, Empunhadura e Passe, da modalidade de basquetebol.

- Fundamentos de drible

Distribuir 2 cones, um de frente para o outro a uma distância de 9 metros, onde o avaliado deverá realizar os dribles se deslocando de um cone a outro, utilizando a mão direita na ida e esquerda no retorno, num tempo de 15 segundos cada tentativa. (Figura 12)



Figura 12: Teste de Drible, da modalidade basquetebol.

- Fundamentos de arremesso

Colocar um cone a uma distância de 4 metros da tabela, onde o avaliado deverá realizar os arremessos a cesta. (Figura 13)



Figura 13: Teste de Arremesso Simples, da modalidade basquetebol.

- Fundamentos de bandeja

Distribuir 2 cones em diagonal a tabela de basquetebol, o primeiro a uma distância de 3 metros, e o outro a 6 metros, todas as distancia em relação ao aro. O avaliado deverá driblar a bola de um cone até o outro, depois segurar a bola e realizar a bandeja.(Figura 14)



Figura 14: Teste de Bandeja, da modalidade de basquetebol.

Os conceitos e critérios utilizados na avaliação de todos os fundamentos técnicos pesquisados foram os seguintes:

- 1 - Deficiente (D):** Quando o educando apresenta ausência técnica dos fundamentos e dificuldades motoras.
- 2 - Regular (R):** Quando o educando apresenta ausência técnica dos fundamentos, mas há coordenação motora para o aprendizado da modalidade.
- 3 - Bom (B):** Quando o educando realiza os gestos técnicos com coordenação, mas sem técnica.
- 4 - Muito Bom (MB):** Quando o educando realiza os gestos técnicos com coordenação motora e com técnica.

Todos os conceitos e critérios foram criados em função do nível de conhecimento dos fundamentos técnicos trabalhados na Educação Física Escolar até o final do ensino fundamental, já que o esporte é um conteúdo do segundo ciclo, inclusive recomendado pelo PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais),

As crianças geralmente estão muito motivadas pelos esportes porque os conhecem por meio da mídia e pelo convívio com crianças mais velhas e adultos. Por isso, os jogos pré-desportivos e os esportes coletivos e individuais podem predominar nesse ciclo.

A aplicação de um questionário à 8ª série de ensino fundamental (Vide Anexo B) relacionado à educação física, desporto escolar, competição, saúde e outros, foi outro

recurso utilizado para poder encontrar os vários pontos negativos que poderiam estar prejudicando o trabalho do desporto escolar desenvolvido nas aulas de educação física.

Como já foi observado nas referências citadas anteriormente, a coordenação motora é de fundamental importância para que a criança possa se desenvolver mais facilmente no esporte, por isso, foi aplicado um teste de avaliação motora com alunos da 4ª série do ensino fundamental (Vide Anexo G) para avaliar como essa criança está chegando no segundo segmento do ensino fundamental.

Um dos testes foi o de equilíbrio para crianças de até 10 anos (Figura 15), onde o avaliado deverá manter-se sobre a ponta dos pés, com os olhos fechados, com os braços ao longo do corpo e com pés e pernas juntos. Erros: mover-se do lugar; tocar o chão com os calcanhares; balançar o corpo (permite-se ligeira oscilação). Duração: 15 segundos. Tentativas: três. Rosa Neto (2002).



Figura 15: Teste de Equilíbrio para crianças de até 10 anos.

Teste de equilíbrio para crianças acima de 11 anos (Figura 16). A criança deverá estar com os olhos fechados, manter-se sobre a perna direita, com o joelho esquerdo flexionado em ângulo reto, com a coxa esquerda paralela à direita em ligeira abdução e com os braços ao longo do corpo. Após 30 segundos de descanso, repetir o mesmo exercício com a outra perna. Erros: baixar mais de três vezes a perna; tocar o chão com a perna levantada; mover-se do lugar; saltar. Duração: 10 segundos. Tentativas: duas para cada perna. Rosa Neto (2002).



Figura 16: Teste de Equilíbrio para crianças acima de 11 anos.

Teste de lateralidade das mãos (Figura 17). O avaliado deverá lançar uma bola de tênis num alvo a uma distância de 3 metros e o tamanho do alvo de 30 x 30 cm, O alvo deverá estar à uma distância de 1,60 metros do chão. Após conseguir acertar a primeira bola no alvo contar 10 arremessos. Adaptado ao teste de lateralidade de Rosa Neto (2002).



Figura 17: Teste de Lateralidade

Teste de motricidade global (Figura 18). O avaliado deverá saltar sobre uma cadeira de 45 cm a 50 cm a uma distância de 50 cm do móvel. O encosto será sustentado pelo examinador. Erros: perder o equilíbrio e cair, agarrar-se no encosto da cadeira. Tentativas: três. Rosa Neto (2002).



Figura 18: Teste de Motricidade Global

Teste de Formação de conceito e noção de direção, foram dadas três tentativas, onde o avaliado passará por um circuito (Figura 19). O objetivo é avaliar, segundo Mathews,

(...)como a criança usa o corpo como um todo e as partes do mesmo, ao caminhar para a frente e de lado, passando por cima e por baixo de obstáculos, para fazer o percurso. O que deve ser observado é o modo pelo qual a criança resolve os problemas de padrão de movimento (1980, p. 198).



Figura 19: Teste de Noção de direção e formação de conceito

Teste viso-motora de arremesso (Figura 20). O avaliado deverá arremessar uma bola de tênis num alvo de 30 x 30 cm a uma distância de 4 metros. O alvo deverá estar a uma distância de 1,60 metros do chão, Teste adaptado de acordo com Mathews (1980).



Figura 20: Teste viso-motora de arremesso.

Teste Viso-motora Óculo-manual (Figura 21). O avaliado deverá segurar uma bola de tênis arremessada pelo pesquisador que estará a uma distância de 4 metros, a bola deverá ser lançada na direção do peito do educando, Mathews (1980).



Figura 21: Teste Óculo-manual

Os conceitos e critérios utilizados para os testes de avaliação psicomotora dos alunos da 4ª série do ensino fundamental foram:

Teste motor de equilíbrio e noção de direção:

- Regular (R): Quando não conseguia realizar os exercícios nas 03 tentativas nos exercícios de noção de direção e formação de conceitos.
- Bom (B): Quando realizava os exercícios dentro das tentativas, mas com alguma dificuldade.
- Muito Bom (MB): Quando realizava os exercícios dentro das tentativas e com perfeição.

Teste motor - viso-motora e lateralidade:

- Foram estipulados a partir de tentativas de arremessos em alvo determinado. Só após o primeiro acerto, o número de arremessos até dez acertados eram convertidos em conceitos (Deficiente: <5, Regular: de 6 a 7, Bom: 8 a 9 e Muito Bom: 10).

Teste motor - Óculo-manual:

- O educando receberá uma bola lançada pelo pesquisador e, logo após seriam contadas mais dez repetições. Os conceitos dados foram os mesmos da avaliação viso-motora.

Todos os testes de avaliação psicomotora com as turmas de 4ª série foram estandardizados considerando a realidade das estruturas que as instituições de ensino oferecem.

Procurou-se utilizar os mesmos materiais em todas as escolas que fizeram parte desta pesquisa, não sendo utilizado nenhum material das instituições de ensino, apenas os locais onde eram realizadas as aulas de Educação Física dos educandos. Os materiais utilizados durante a pesquisa foram: bolas de Tênis, voleibol, basquetebol, handebol,

trena, cadeira de 45 cm de altura, trave de equilíbrio com 4 metros de comprimento e 10 cm largura, cones, arcos, cronômetro, rede de voleibol, tabela de basquetebol, alvo de madeira 30x30 cm, 3 ripas com 1,60 metros com fixador nas pontas e Estrutura física das escolas.

Para melhor visualização dos dados, os mesmos foram distribuídos em frequência percentual.

Na avaliação teórico-prático dos fundamentos técnicos com os alunos de 8ª série do ensino fundamental, teve uma amostragem de 100 meninos e 117 meninas. Houve uma escola de Pires do Rio, a Escola Estadual Martins Borges, que não participou, pois toda escola teve que mudar para outro local pelo motivo de desabamento do teto da instituição e os alunos estavam sem Educação Física, já que nesse local não havia o mínimo de espaço, a outra escola de Ipameri, Colégio José Pio, não tinha quadra e nem espaço para Educação Física Escolar, mas responderam os questionários.

O número de alunos de 8ª série avaliados nas escolas de cada cidade da região pode ser visto nas (Tabelas 1, 2 e 3), a continuação.

Tabela 01 – Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Pires do Rio-GO.

ESCOLA	AVALIAÇÃO PRÁTICA		QUESTIONÁRIOS TOTAIS
	ALUNOS	ALUNAS	
Colégio Estadual Prof. Ivan Ferreira	07	21	55
Colégio Betel ¹	09	08	14
E. E. Francisco Acioli	04	05	21
E. E. Rodrigo Rodrigues	10	09	28
Colégio Sagrado Coração ¹	32	30	121
MARTINS BORGES	-----	-----	50
TOTAL	62	73	289

¹ Escolas Conveniadas com a Secretaria Estadual de Educação

Tabela 02 – Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Ipameri-GO.

ESCOLA	AVALIAÇÃO PRÁTICA		QUESTIONÁRIOS TOTAIS
	ALUNOS	ALUNAS	
E. E. Monsenhor	10	15	24
CEPEM	04	14	19
E. E. JOSÉ PIO	-----	-----	23
TOTAL	14	29	66

Tabela 03 – Número de alunos de 8ª série avaliados por escola na cidade de Urutaí-GO.

ESCOLA	AVALIAÇÃO PRÁTICA		QUESTIONÁRIOS TOTAIS
	ALUNOS	ALUNAS	
UCHÔA	17	13	33
VASCO DOS REIS	07	02	22
TOTAL	24	15	55

Na avaliação psicomotora com as turmas de 4ª série do ensino fundamental, foram avaliados 207 alunos e 243 alunas. Nas (Tabelas 04, 05 e 06) pode ser visto o número de alunos avaliados nas escolas de cada cidade da região pesquisada.

Tabela 04 – Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Pires do Rio-GO

ESCOLA	AVALIAÇÃO PSICOMOTORA		
	Masc.	Fem	TOTAL
E. M. Joaquim Câmara	10	18	28
Colégio BETEL ²	09	08	17
E. E. Francisco Acioli	12	15	27
E. E. Rodrigo Rodrigues	18	20	38
Colégio Sagrado Coração ²	34	34	68
E. M. Professor Natal	09	18	27
E. M. Lino Sampaio	07	09	16
E. M. Sara Skaf	10	12	22
E. M. Ilda M. Rosa	21	16	37
E. M. Sebastião Leite	04	04	8
Esc. Fundação Industrial para Menores	10	06	16
TOTAL	144	160	304

² Escolas Conveniadas com a Secretaria Estadual de Educação

Tabela 05 – Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Ipameri- GO

ESCOLA	AVALIAÇÃO PSICOMOTORA		
	Masc.	Fem	TOTAL
E. E. Monsenhor	06	10	16
E. E. Alfredo Nasser	09	14	23
E. E. N. Srª Fátima	14	06	20
E. E. José Costa Paranhos	15	12	27
TOTAL	44	42	86

Tabela 06 – Número de alunos de 4ª série avaliados por escola na cidade de Urutaí-GO

ESCOLA	AVALIAÇÃO PSICOMOTORA		
	Masc.	Fem	TOTAL
E. E. Vasco dos Reis	14	09	23
E. M. Maria Cândida de Jesus	05	13	18
TOTAL	19	22	41

4 - RESULTADOS E DUSCUSSÃO

O desporto escolar deve ser inclusivo, dar oportunidades para que todos possam ter acesso ao aprendizado e não apenas àqueles que possuem as melhores condições de fazer parte de uma equipe competitiva. De Rose Jr., deixa bem claro que,

(...)o professor deverá sempre incentivar e motivar todos os alunos a praticar esportes. Todas as crianças e os jovens têm o direito de aprender esporte. Não se trata de excluir o talento, mas sim de incluir quem não tem talento. (...) caberá ao professor de educação física promover e administrar a relação de ensino e de aprendizagem do esporte na escola. Para tanto, será necessário valer-se da pedagogia do esporte e não da simples administração da prática esportivizada.(2002, p. 96).

Na grande maioria das instituições de ensino da região pesquisada, os alunos que apresentaram melhores habilidades dos gestos desportivos, muitas vezes eram porque vinham de outras regiões, como Goiânia, Brasília e cidades do triângulo mineiro e a maioria desses educandos haviam estudado em escolas particulares. Tinham também aqueles que treinavam com outros colegas, seja nos clubes ou na rua.

Observou-se durante a pesquisa, que os educandos do sexo feminino foram os que mais apresentavam desânimo pelos esportes, mesmo gostando de uma determinada modalidade desportiva. Em uma determinada escola de Pires do Rio, as alunas afirmaram (Relato) que não participariam da pesquisa, porque não foi ensinado e por isso não gostariam de vivenciar uma situação vexatória. Mas com o decorrer da avaliação com os demais alunos, elas começaram a participar e foi uma surpresa tanto para o pesquisador, como para elas que puderam se descobrir dentro de uma ou mais modalidades avaliadas e, ver que possuem potencial e condições de aprender uma modalidade desportiva.

A força do futebol no país é muito grande, a própria mídia contribui para isso, é só assistir um jornal esportivo que veremos quase todo o horário preenchido com essa modalidade. Nas escolas de toda a região pesquisada não é diferente, principalmente no primeiro segmento até a 6ª série onde a educação física se resume em futebol e queimada.

Com isso, vários alunos que poderiam despontar numa modalidade diferente acabam sendo prejudicados e o resultado é a desmotivação pelo esporte desenvolvido na educação física Escolar e nos treinamentos desportivos. E como ficam os educandos do primeiro segmento do ensino fundamental que não têm um profissional licenciado e nem uma pessoa responsável para ministrar, organizar e oportunizar que esses educandos possam participar ativamente das aulas, desenvolvendo-se e criando o hábito pela brincadeira, pelo jogo etc para que a atividade física seja um processo intrínseco em toda sua vida.?

Quantos talentos no Brasil são deixados sentados em arquibancadas ou completando equipes em modalidades que não são de sua preferência, que poderiam estar se desenvolvendo em alguma modalidade podendo ser no futuro até um grande atleta de alto nível ou mesmo praticar algum esporte na contribuição da promoção da saúde? Weineck afirma que "o desenvolvimento do talento é um processo ativo e pedagógico de mudanças orientado através do treinamento e serve de fundamento para um alto desempenho esportivo num momento posterior"(1999, p.115).

Em determinadas instituições de ensino da região pesquisada, as instalações esportivas e áreas como pátio necessitam de manutenção e reforma para que haja maior segurança para o trabalho de iniciação desportiva nas aulas de educação física, o treinamento desportivo e o lazer. No caso da educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental e para vários outros conteúdos da educação física escolar, existe a possibilidade de realizar o trabalho de desenvolvimento psicomotor no pátio ou numa área espaçosa e segura. Mas para um bom trabalho de iniciação desportiva a quadra é de suma importância para o aprendizado dos educandos.

As aulas de educação física no primeiro segmento são ministradas compreendendo-se 64% nos pátios e terrenos limpos, e 36% em quadras abertas. Nos trabalhos desenvolvidos no segundo segmento do ensino fundamental, o percentual é de 55% em quadra aberta, 27% em ginásios cedidos pela prefeitura e 18% em ginásios próprios. Das 22 escolas pesquisadas, 03 não têm quadra e utilizam os ginásios municipais para a realização dos trabalhos de educação física e treinamento desportivo.

Numa determinada escola na cidade de Ipameri-GO havia apenas uma quadra na área de lazer em situação deplorável, um ambiente sujo e danificado, até mesmo perigoso para prática de exercícios físicos. As péssimas instalações podem estar contribuindo para a

aprendizagem deficiente dos educandos, principalmente nas modalidades de basquetebol e voleibol, já que não possuem mastro para rede de voleibol, tabelas de basquetebol e marcações das referidas modalidades, ao contrário de outra escola estadual na mesma cidade, que havia instalações adequadas, inclusive apresentando resultados melhores nos testes teórico-práticos aplicados.

No quadro geral das pessoas que trabalham como professores de educação física nas 8ª séries do ensino fundamental nas escolas pesquisadas, apenas 17% possuem graduação e somando todos os profissionais, seja da rede estadual e municipal, o percentual cai para 13% de profissionais licenciados. Além disso, 53% desses profissionais exercem outro tipo de atividade paralela a educação física, mas fora da educação. E 47% trabalham em outra instituição de ensino como professor de educação física.

Na região, a média em cada turma trabalhada é de 26 alunos, mas há turmas que chegam a ter aproximadamente 40 alunos, pois é utilizada a prática com turmas reunidas, o número não chega a ser maior porque vários alunos que moram em zonas rurais não podem frequentar já que a educação física em 60% das escolas é realizada em outro turno, ou mesmo, aqueles que não gostam de fazer educação física acabam fazendo trabalhos teóricos ao invés de participarem da prática pedagógica.

A falta de maior compromisso, capacidade e conhecimento, o descaso do professor e da falta de sua formação na área, além da precariedade do material didático, locais não adequados para o ensino-aprendizagem dos conteúdos e um salário não digno as suas responsabilidades no processo pedagógico, são os problemas que a educação física vem sofrendo na região pesquisada.

Verifica-se na (Tabela 07) os resultados da análise do Qui-quadrado (X^2) para as diferentes modalidades no município de Pires do Rio. Todas as modalidades apresentaram frequências observadas diferentes da esperada. Dentre as modalidades somente o voleibol masculino apresentou classes bom e muito bom acima do esperado. Por outro lado, as modalidades femininas apresentaram maior frequência na classe deficiente. Esse predomínio da classe deficiente pode ser explicado pela falta de uma educação física que atendesse melhor o corpo discente feminino, permitindo maior desenvolvimento motor no período que compreende a educação infantil a 4ª série do ensino fundamental. Esse despreparo reflete no período de aprendizado da iniciação desportiva no segundo segmento

do ensino fundamental, refletindo numa maior evasão do sexo feminino em relação ao esporte escolar.

Tabela 7: Análise estatística referente a cidade de Pires do Rio -GO

Modalidade	Classe (Conceito)	Somatório Freqüência Observada	Somatório Freqüência Esperada	X ² Calculado
Basquetebol Feminino	D	27	14,4	21.458**
	R	38	36	
	B	7	18	
	MB	0	3,6	
Basquetebol Masculino	D	8	9,3	10.957**
	R	36	37,2	
	B	17	9,3	
	MB	1	6,2	
Handebol Feminino	D	30	14,4	24.583**
	R	33	36	
	B	8	18	
	MB	1	3,6	
Handebol Masculino	D	11	12,4	7.919*
	R	35	31	
	B	16	12,4	
	MB	0	6,2	
Voleibol Feminino	D	30	18	12.972**
	R	33	36	
	B	8	14,4	
	MB	1	3,6	
Voleibol Masculino	D	10	18,6	1.604.651**
	R	33	31	
	B	15	12,4	
	MB	4	0	
4ª série Municipal Fem.	D	9	11,5	23.844**
	R	51	30,8	
	B	17	30,8	
	MB	0	3,85	
4ª série Municipal Masc	D	10	8,1	1.691 ^{ns}
	R	24	24,3	
	B	42	40,5	
	MB	5	8,1	
4ª série Estadual Fem	D	24	16,4	9.902**
	R	44	41	
	B	14	20,5	
	MB	0	4,1	
4ª série Estadual Masc	D	4	6,1	23.186**
	R	21	30,5	
	B	35	18,3	
	MB	1	6,1	

** D Significativo a 1% de Probabilidade

* D Significativo a 5% de Probabilidade

NS D Não Significativo

A (tabela 07) resume ainda a análise do qui-quadrado para as 4ª séries municipal e estadual masculino e feminino. Com exceção da 4ª série masculina municipal, a freqüência

observada foi diferente da esperada. A 4ª série estadual masculina apresentou maior frequência na classe bom e menor na classe regular. E as 4ª séries femininas apresentaram maior frequência nas classes deficientes e regular e menor na classe bom

A (Tabela 08) apresenta os resultados da cidade de Ipameri. Com exceção da 4ª série masculina, todas as modalidades apresentaram frequências observadas iguais as esperada. A 4ª série masculina apresentou maior frequência da classe bom provavelmente pela facilidade áreas livres para jogos e brincadeiras havendo com isso, maior desenvolvimento dos movimentos naturais.

Tabela 8: Análise estatística referente a cidade de Ipameri-GO

Modalidade	Classe (Conceito)	Somatório Frequência Observada	Somatório Frequência Esperada	X ² Calculado
Basquetebol Feminino	D	12	7,25	7.471 ^{ns}
	R	17	17,40	
	B	0	2,90	
	MB	0	1,45	
Basquetebol Masculino	D	3	2,6	0,718 ^{ns}
	R	8	7,8	
	B	2	1,95	
	MB	0	0,65	
Handebol Feminino	D	12	5,8	8.655*
	R	12	14,5	
	B	4	7,25	
	MB	1	1,45	
Handebol Masculino	D	3	2,6	2.154 ^{ns}
	R	6	6,5	
	B	4	2,6	
	MB	0	1,3	
Voleibol Feminino	D	14	9,3	5.624 ^{ns}
	R	9	15,5	
	B	6	4,65	
	MB	2	1,55	
Voleibol Masculino	D	2	4,8	2.333 ^{ns}
	R	10	8	
	B	4	3,2	
	MB	0	0	
4ª série Feminina	D	11	8,4	6.976 ^{ns}
	R	26	2,1	
	B	5	10,5	
	MB	0	2,1	
4ª série Masculina	D	4	4,4	16.121 ^{**}
	R	14	22	
	B	25	13,2	
	MB	1	4,4	

** D Significativo a 1% de Probabilidade

* D Significativo a 5% de Probabilidade

NS D Não Significativo

A (Tabela 09) apresenta os resultados idênticos a cidade de Ipameri, onde a 4ª série masculina apresentou resultado melhor na classe B e menor na classe deficiente e regular. Isso se deve, provavelmente, pela disponibilidade de áreas livres para jogos e brincadeiras havendo com isso, maior desenvolvimento dos movimentos naturais.

Tabela 9: Análise estatística referente a cidade de Urutaí-GO

Modalidade	Classe (Conceito)	Somatório Frequência Observada	Somatório Frequência Esperada	X ² Calculado
Basquetebol Feminino	D	6	4,4	1.712 ^{ns}
	R	5	5,5	
	B	0	1,1	
	MB	0	0	
Basquetebol Masculino	D	6	6,9	1.203 ^{ns}
	R	16	13,8	
	B	1	2,3	
	MB	0	0	
Handebol Feminino	D	5	3,6	2.463 ^{ns}
	R	8	7,2	
	B	5	5,4	
	MB	0	1,8	
Handebol Masculino	D	6	4,6	2.174 ^{ns}
	R	13	11,5	
	B	7	5,75	
	MB	0	1,15	
Voleibol Feminino	D	12	7,5	5.533 ^{ns}
	R	2	6	
	B	1	1,5	
	MB	0	0	
Voleibol Masculino	D	14	11,5	1.435 ^{ns}
	R	8	9,2	
	B	1	2,3	
	MB	0	0	
4ª série Feminina	D	0	2,1	3.869 ^{ns}
	R	14	12,6	
	B	7	5,25	
	MB	0	1,05	
4ª série Masculina	D	0	1,9	13.807 ^{**}
	R	5	9,5	
	B	13	5,7	
	MB	1	1,9	

** D Significativo a 1% de Probabilidade

* D Significativo a 5% de Probabilidade

NS D Não Significativo

Durante as avaliações foram consideradas os conceitos “D” (Deficiente), “R”(Regular), “B” (Bom) e “MB” (Muito Bom), na obtenção dos dados, sendo representados sob forma de distribuição de frequência percentual.

Considerando a modalidade basquetebol feminino (Figura 22) nota-se na cidade de Ipameri altas freqüências 59% e 41% para os conceitos “R” e “D”, respectivamente, não sendo observada nenhuma freqüência para os conceitos “B” e “MB”. Na cidade de Urutaí as freqüências encontradas foram de 55% e 45% para os conceitos “D” e “R” respectivamente, seguindo o exemplo de Ipameri. Também não foi encontrada freqüência para os conceitos “B” e “MB”. Observou-se que na cidade de Pires do Rio, as freqüências foram de 37,5%, 52,8% e 9,7% para os conceitos “D”, “R” e “B”, respectivamente, não sendo observado freqüência para o conceito “MB”.

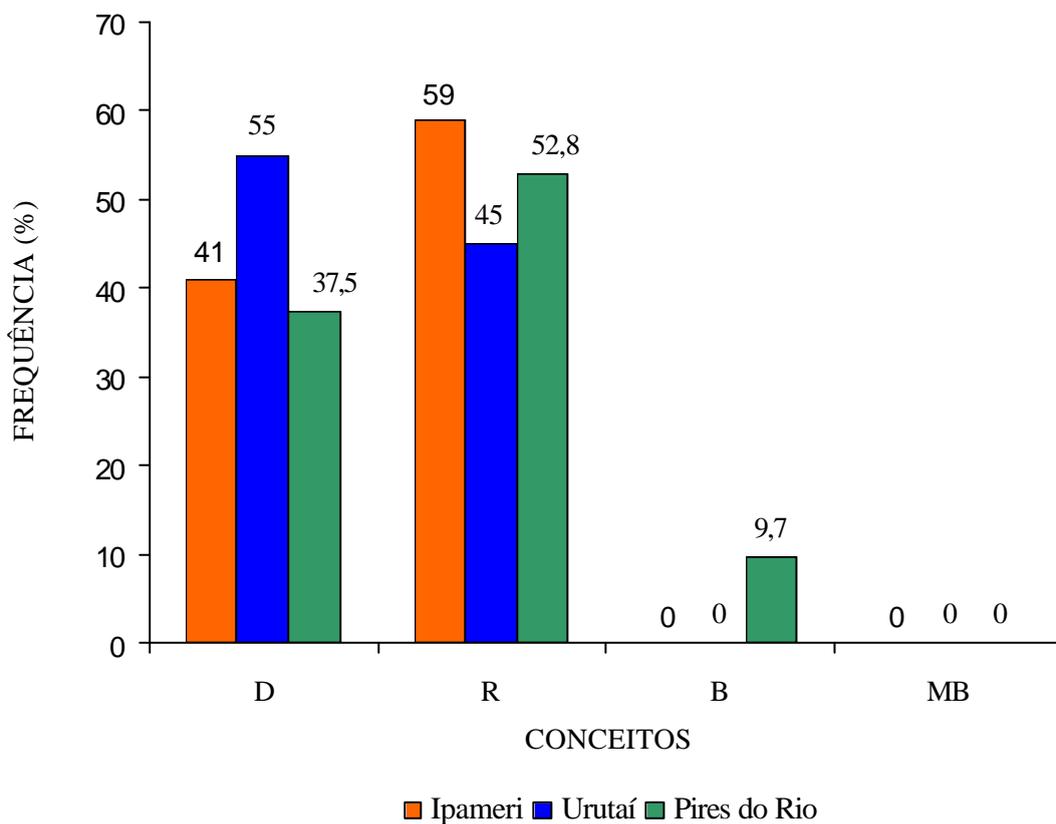


Figura 22: Distribuição de freqüência da modalidade de Basquetebol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.

No geral, para modalidade de basquetebol feminino as cidades apresentaram as mesmas tendências, o que reflete a precariedade ou ausência do ensino aprendizagem da referida modalidade.

Na modalidade referente ao basquetebol masculino (Figura 23) os dados encontrados na cidade de Ipameri foram com frequências de 23% (D), 62% (R) e 15% (B), e nenhum conceito “MB, já a cidade de Urutaí as frequências foram de 26% (D), 70% (R) e 4% (B) e também nenhum conceito “MB”. Na cidade de Pires do Rio a frequência encontrada foram de 13% (D), 58% (R), 27% (B) E 2% (MB).

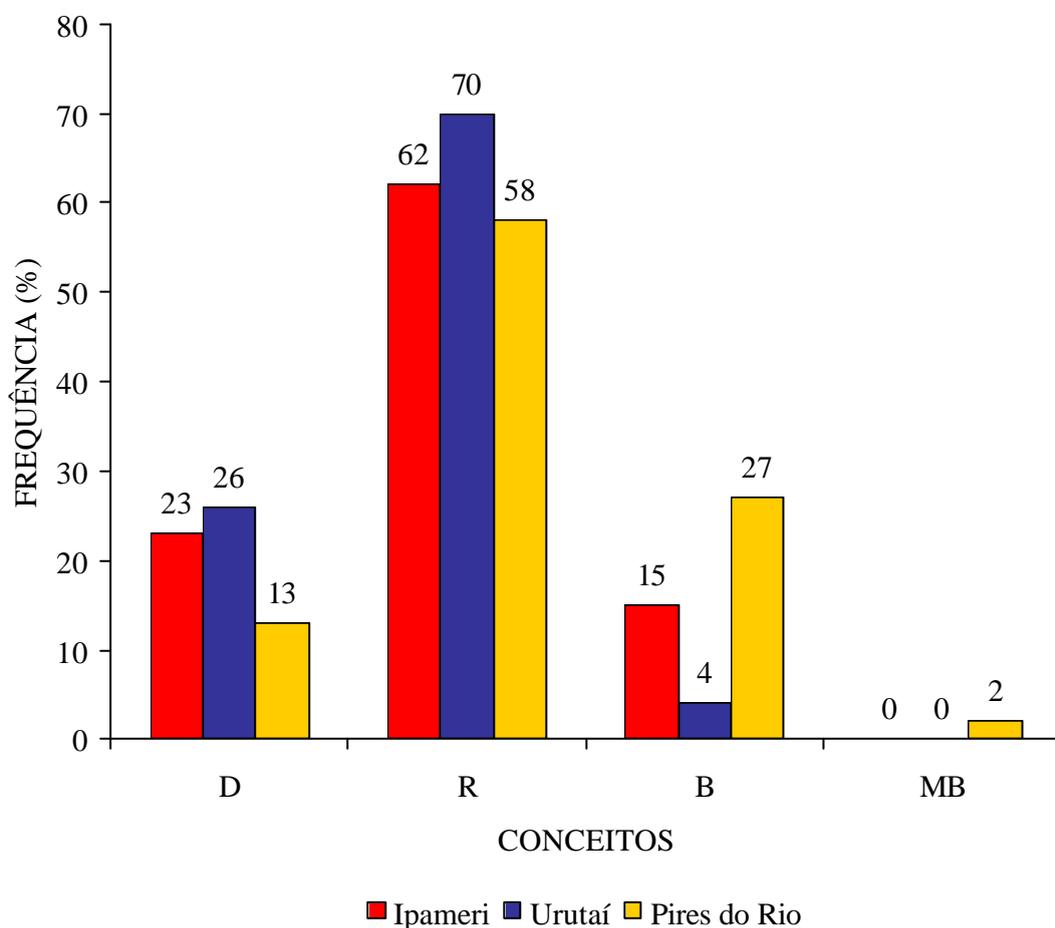


Figura 23: Distribuição de frequência da modalidade de Basquetebol Masculino nas cidades pesquisadas, 2003.

Sobre a modalidade handebol feminino (Figura 24) as frequências obtidas na cidade de Ipameri foram de 41% (D), 41% (R), 15% (B) e 3% (MB). Na cidade de Urutaí só não houve frequência no conceito “MB”, mas foram encontradas nos demais conceitos frequências de 28% (D), 44% (R) e 28% (B). Na cidade de Pires do Rio as frequências encontradas foram de 42% (D), 46% (R), 11% (B) e 1% (MB).

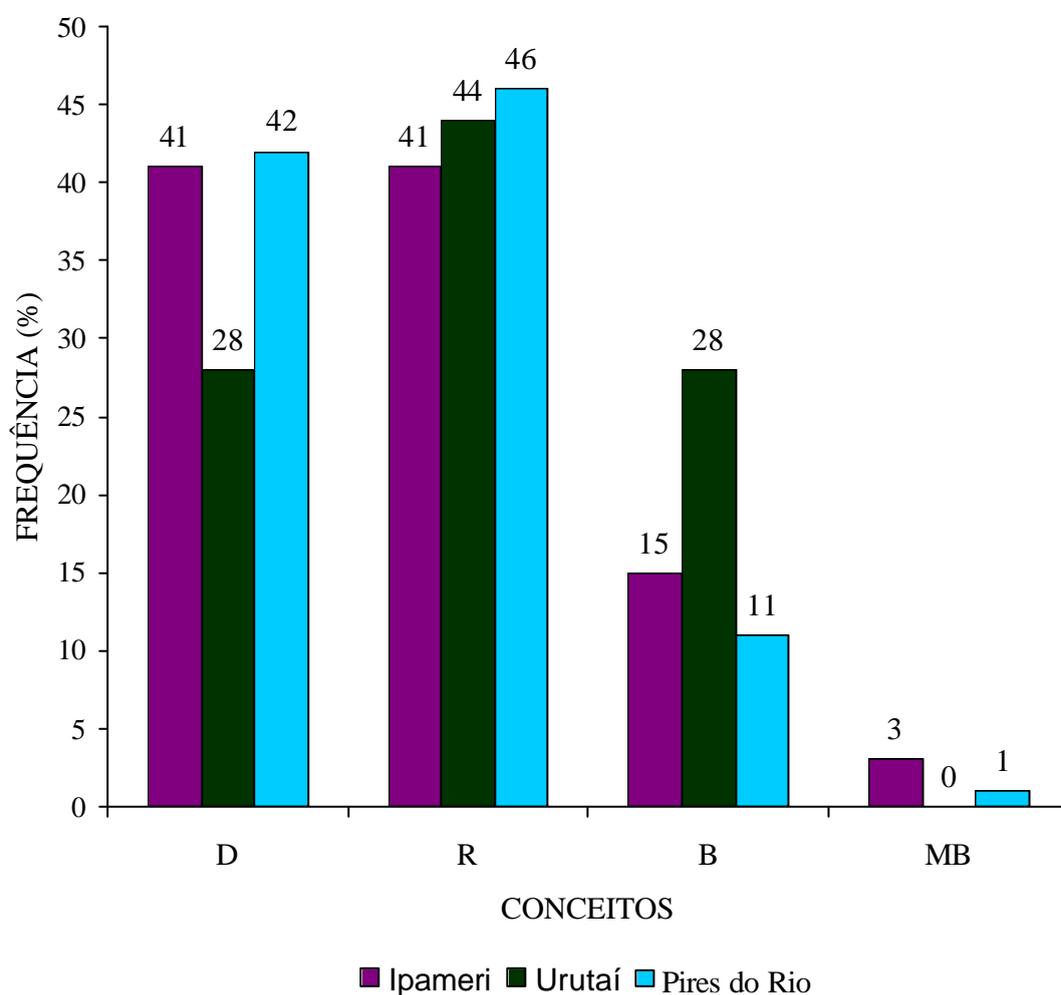


Figura 24: Distribuição de frequência da modalidade de Handebol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.

Na modalidade de handebol masculino (Figura 25) não foi encontrada em nenhuma cidade que fez parte da pesquisa, frequência no conceito “MB. Na cidade de Ipameri foram encontradas as frequências 23% (D), 46% (R) e 31% (B). Na cidade de Urutaí foram encontradas frequências de 13% (D), 57% (R) e 30% (B). Já na cidade de Pires do Rio foram frequências de 18% (D), 56% (R) e 26% (B).

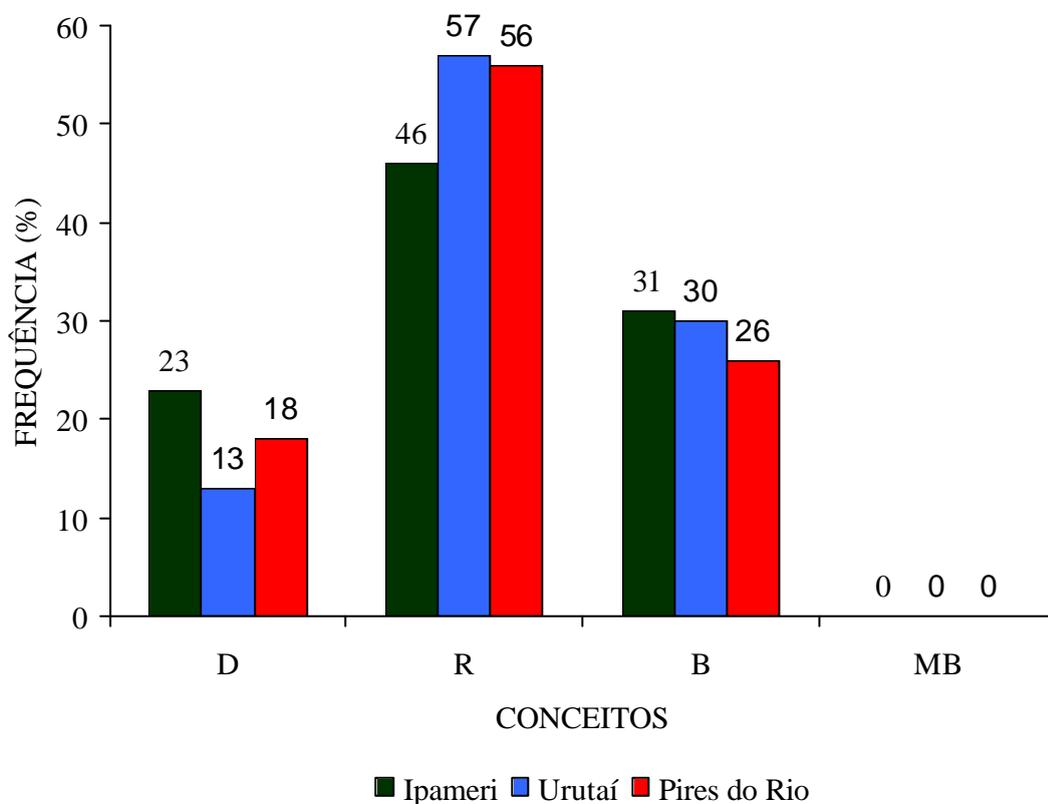


Figura 25: Distribuição de frequência da modalidade de handebol Masculino nas cidades pesquisadas, 2003.

Dentro da modalidade voleibol feminino (Figura 26) as frequências encontradas na cidade de Ipameri foram de 45% (D), 29% (R), 19% (B) e 7% (MB) Na cidade de Urutaí não houve frequência no conceito “MB”, as demais frequências encontradas foram de

80% (D), 13% (R) e 7% (B). Já na cidade de Pires do Rio as freqüência foram de 42% (D), 46% (R), 11% (B) e 1% (MB).

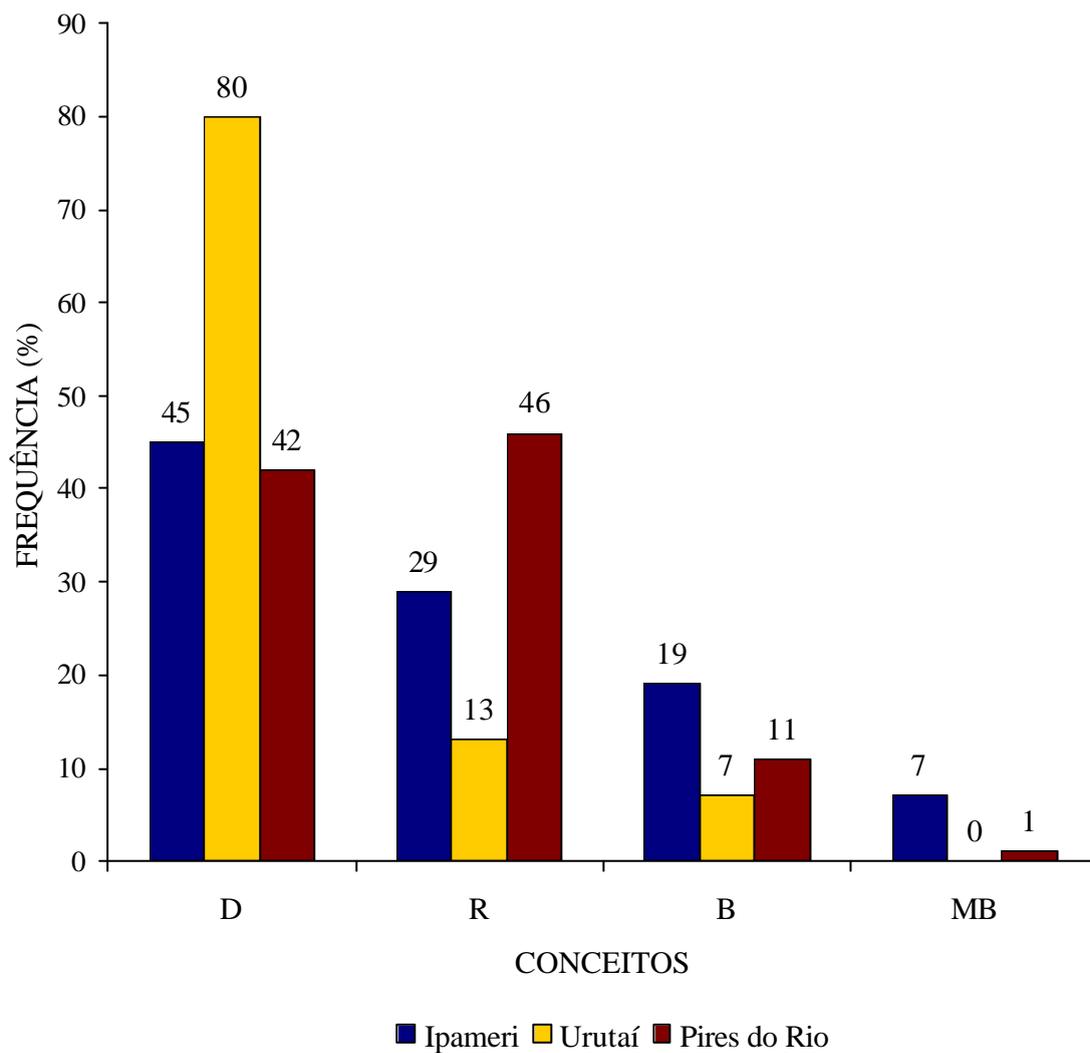


Figura 26: Distribuição de freqüência da modalidade de Voleibol Feminino nas cidades pesquisadas, 2003.

A modalidade voleibol masculino (Figura 27) na cidade de Ipameri, as frequências encontradas foram de 13% (D), 66% (R), 25% (B) e não foi obtido nenhum conceito “MB”. As frequências encontradas na cidade de Urutaí foram de 61% (D), 35% (R), 4% (B) e nenhuma frequência no conceito “MB”. Na cidade de Pires do Rio, as frequências encontradas foram de 16% (D), 53% (R), 24% (B) e 6% (MB).

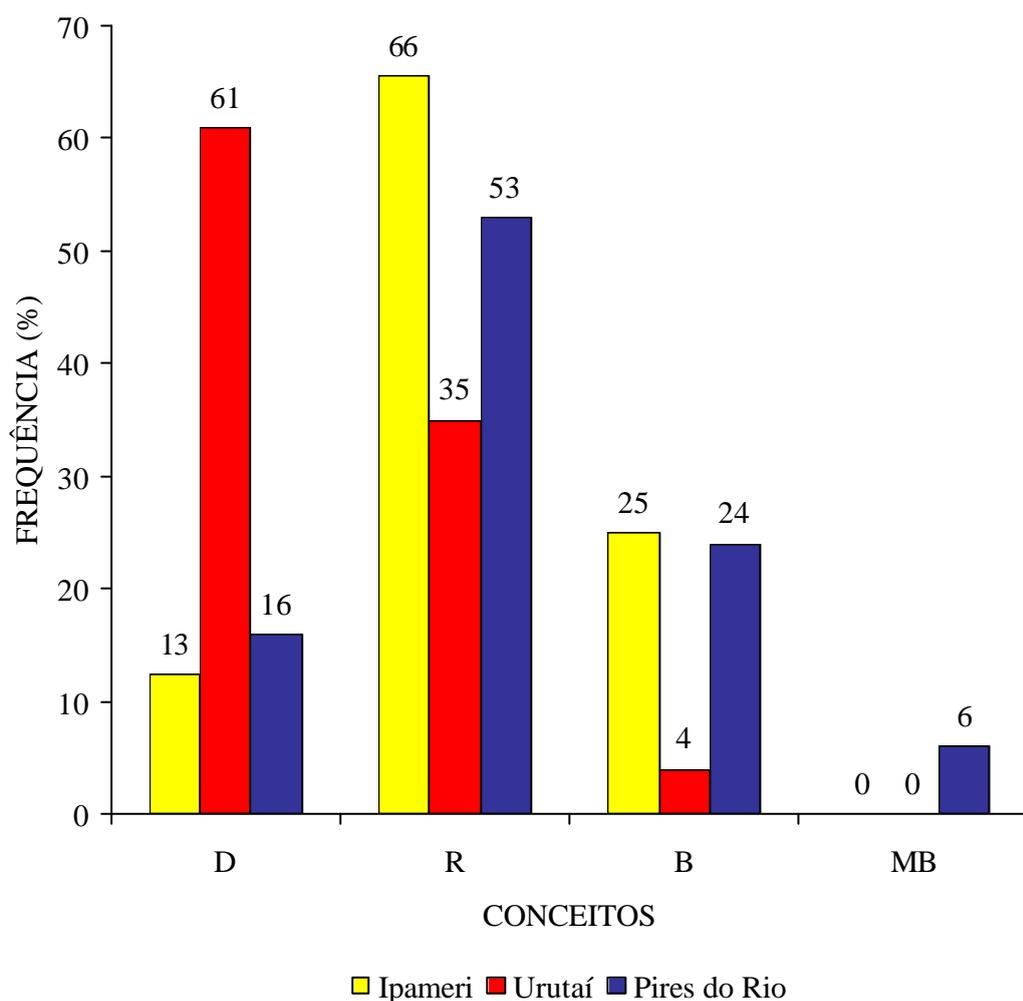


Figura 27: Distribuição de frequência da modalidade de Voleibol Masculino nas cidades pesquisadas, 2003.

Em relação às frequências encontradas na investigação com as turmas de 4ª série feminina (Figura 28) do ensino fundamental, não foi obtido frequência para o conceito

“MB” em nenhuma cidade. A 4ª série da cidade de Urutaí as frequências foram 67% e 33% para os conceitos “R” e “B” respectivamente, além de não haver frequência para o conceito “MB” para referida cidade, também não houve para o conceito “D”. Nas escolas municipais de Pires do Rio, que possuem pessoas específicas para ministrar a disciplina de educação física, as frequências encontradas foram de 12% (D), 66% (R) e 22% (B). Já nas escolas estaduais da mesma cidade as frequências encontradas foram de 29% (D), 54% (R) e 17% (B). Na cidade de Ipameri as frequências obtidas foram de 26% (D), 62% (R) e 12% (B). Observou-se então, que em todas as cidades o maior número de alunas se encontram no conceito “R”.

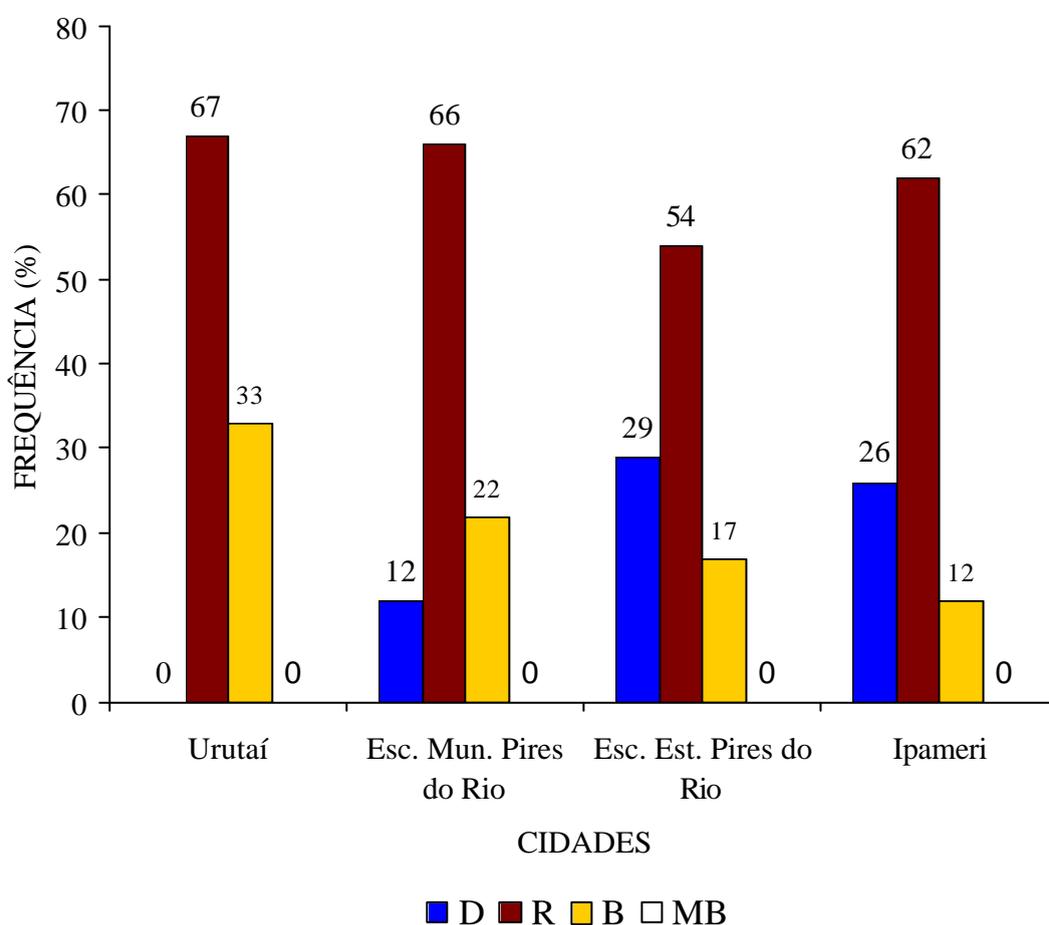


Figura 28: Distribuição de frequência da 4ª série Feminino das cidades pesquisadas, 2003.

Na avaliação da 4ª série masculina (Figura 29), os resultados foram melhores em relação aos conceitos do grupo feminino, já que grande parte dos alunos de todas as cidades se encontram no conceito “B”. Na cidade de Ipameri a frequência encontrada foi de 9% (D), 32% (R), 57% (B) e 2% (MB). As frequências encontradas nas escolas municipais de Pires do Rio foram de: 7% (D), 34% (R), 57% (B) e 2% (MB). Já as escolas estaduais de Pires do Rio as frequências encontradas são de 12% (D), 30% (R), 52% (B) e 6% (MB). Na cidade de Urutaí as frequências encontradas são de 26% (R), 68% (B) e 5% (MB), não havendo frequência “D” para cidade de Urutaí.

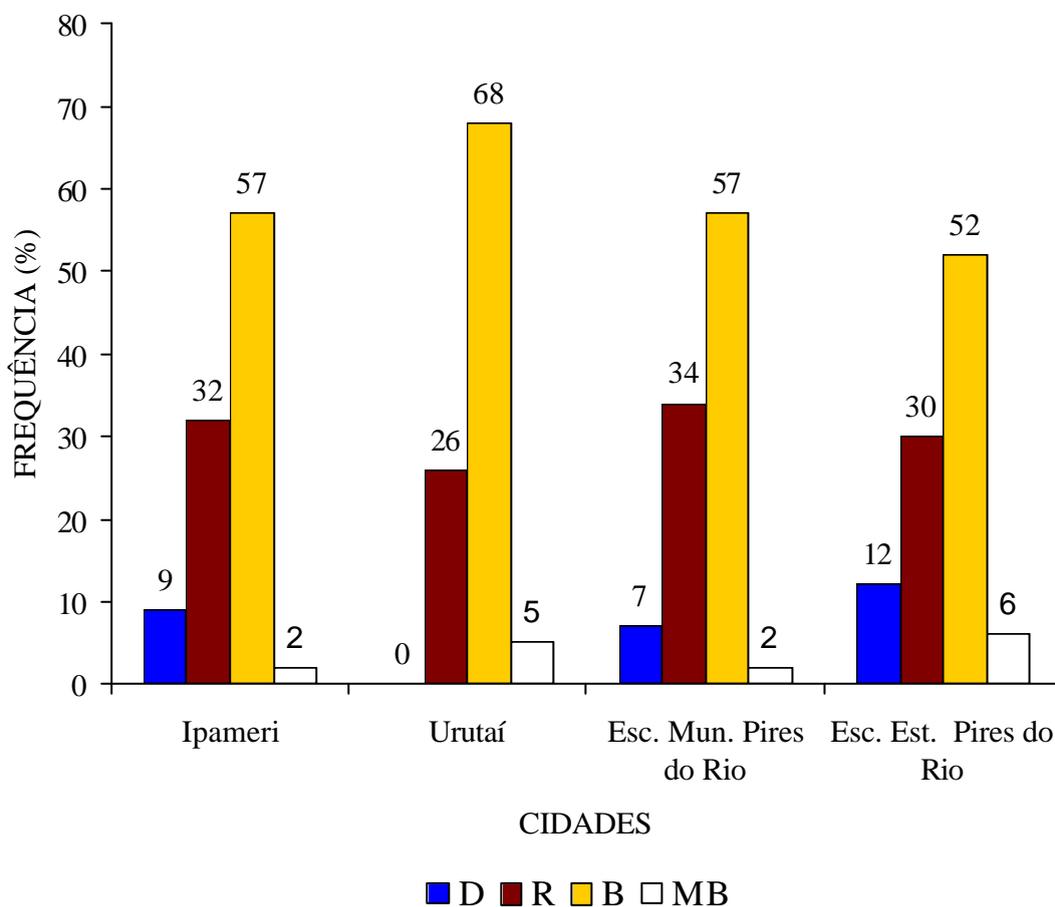


Figura 29: Distribuição de frequência da 4ª série masculina das cidades pesquisadas, 2003.

A não existência da educação física escolar no primeiro segmento do ensino fundamental, pode ser uma das causas para que as crianças, nesta importante fase em suas vidas, tivessem um desempenho não satisfatório. Na 4ª série da rede municipal de Pires do Rio e na 8ª série de toda região que há educação física escolar, o que parece ter beneficiado para um resultado precário é a falta de profissionais comprometidos com seu importante papel dentro do processo pedagógico das instituições de ensino.

Na verdade, não existe um trabalho dirigido com metas a serem alcançadas, não só para o aprendizado das modalidades pesquisadas, mas no trabalho como um todo, já que existe um universo de atividades a serem desenvolvidas no ensino fundamental além dos esportes, como por exemplo: os jogos cooperativos, recreativos, pré-desportivos, jogos de luta, ginástica, primeiros socorros, cuidados com o corpo na prática de exercícios físicos, caminhada orientada, o atletismo, esportes radicais, a dança etc. Há uma gama de atividades que poderiam estar sendo trabalhadas para maior desenvolvimento psicomotor, valências físicas, maior socialização, motivação, prazer pela atividade física, pelo jogo desportivo, e o que temos visto é o oposto, inclusive da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série, onde mostra,

Na pior das hipóteses, o contexto escolar dispõe de um tempo e de um espaço que, mesmo quando inadequados, precisam ser bem aproveitados. A Educação Física escolar não pode reproduzir a miséria da falta de opções e perspectivas culturais, nem ser cúmplice de um processo de empobrecimento e descaracterização cultural. Ou seja, o mesmo espaço-tempo que viabiliza o futebol e a queimada deve viabilizar o vôlei, o tênis com raquetes de madeira, os jogos pré-desportivos, a dança, a ginástica, as atividades aeróbicas, o relaxamento, o atletismo, entre inúmeros outros exemplos (PCN, <http://mec.gov.br>, 2004).

Pode-se observar que os planejamentos não são adequados na área e, quando são confeccionados, são feitos apenas para serem arquivados burocraticamente. Tais projetos são inadequados às faixas etárias, ao material didático existente e ao local destinado para aulas. Segundo Neira,

O projeto não é algo construído e, em seguida, arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova de cumprimento de tarefas burocráticas(...) A elaboração do seu projeto, feita basicamente pelos coordenadores pedagógicos na sala de coordenação, não partilha dos interesses, realidades, projetos individuais, características de cada um dos professores e alunos. O que se dá, normalmente, é a feitura de um plano de trabalho burocrático, absolutamente fictício; inexistente, portanto, na prática (2003, p. 138).

Poderia haver um trabalho melhor já que 88% das escolas possuem 2 aulas semanais de 50 minutos e 12% das escolas possuem três aulas semanais com o mesmo tempo e todas acontecem alternadamente. Além do horário de educação física, existe o treinamento desportivo em 53% das escolas.

O Treinamento Desportivo para Kindelán (1991), é um processo pedagógico encaminhado ao desenvolvimento da forma desportiva que é o estado máximo do atleta para uma etapa determinada.

De acordo com depoimentos dos educandos, o treinamento desportivo, em algumas instituições, são os alunos que possuem melhores habilidades na modalidade que dão a maior contribuição ao ministrar aulas. Conclui-se que as pessoas que estão à frente desse trabalho nas escolas, além de não terem a formação acadêmica, não têm sequer vivência nas modalidades pesquisadas, então, pouco podem contribuir na formação dos educandos no aspecto do aprendizado desportivo.

Os professores de educação física pesquisados afirmam que, os desportos com maior dificuldade para ensinar respectivamente eram o basquetebol com 64,70%, o handebol com 23,53% e por último o voleibol com 11,77%. Através desses dados, foi possível analisar que essa dificuldade em ensinar a modalidade de basquetebol pode ter contribuído para que essa tivesse pior resultado na avaliação teórico-prático na região.

A remuneração que os docentes vem recebendo nas instituições públicas é com certeza um desestímulo a profissão, 96% dos professores da região estão insatisfeitos com o salário que recebem e apenas 4% concordam com este salário, já que não possuem graduação na área, como eles mesmos relataram.

Dentro dos questionários dos alunos houve respostas importantes em relação à educação física e do desporto escolar, como podemos observar adiante:

Gosto de fazer educação física porque...

“Eu gosto de jogar, pena que são somente 40 minutos de educação física”.

“Acho muito longe de minha casa até a quadra, prefiro jogar na porta da casa”. (A educação física é dada em outro período).

“Porque é o único momento de lazer e também porque é bom para a saúde”.

“Porque praticar esportes é muito importante para saúde, é importante para se ter boa qualidade de vida”.

“Porque é esporte e eu gosto de praticar esporte”.

“Porque eu gosto de estar sempre aprendendo estar junto de pessoas”.

“Porque quanto mais a gente joga, mais aprende”.

“Se eu fizesse, melhoraria o meu condicionamento físico e ocuparia a minha mente”.

Não gosto de educação física porque...

“Não curto muito esportes”.

“Nós não temos o direito de escolher o que queremos jogar”.

“Os professores não são atualizados o suficiente”.

“Eu não gosto de educação física, eu só gosto de jogar quando não é educação física”.

“Não tem o esporte que eu queria aprender”.

“A professora não ensina nada”.

“Falta de organização”.

“Não me identifico com jogos com bola”.

“Acho chato, somos obrigados a fazer o que não gostamos”.

Gostariam de participar de competições dentro e fora de sua cidade?

“ Sim, para vê minha capacidade e se tenho aprendido a competir com pessoas mais ou menos capazes do que eu”.

“Não, porque gosto de jogar para me divertir e não para competir”.

“Sim, porque é uma forma de integração com outras pessoas e para mostrar o aprendizado”.

“Não, porque não tive oportunidade”.

“Sim, é sempre bom competir, ganhando ou perdendo, isso ajuda a aceitar a perder e competindo conhecemos pessoas de vários lugares, novas amizades”.

“Sim, porque isso nos incentiva a treinar”.

“Sim, Incentiva o aluno a participar mais da vida esportiva”.

“Sim, assim conheceria novas pessoas e com as competições saberei enfrentar os momentos difíceis do dia-a-dia, além de nos valorizar pelo esporte que praticamos”.

“Porque eu não gosto de jogar valendo”.

A educação física é importante para vida?

“Porque nos envolve em uma coisa boa que nos deixa longe de drogas e outras coisas, mas está difícil da gente conseguir jogar na nossa escola, a direção não deixa a gente jogar, só jogamos uma vez na semana, eles nos incentivam a praticar esportes, mas não nos proporcionam isso. Nem em nossa cidade parece que eles querem que a gente pratique um esporte, parecem que querem que a gente fique aí com a mente vazia para o diabo. É duro, mas é verdade, já disseram uma vez que iriam chamar a polícia e me chamaram de marginal só porque eu queria jogar basquetebol. Aqui em nossa escola a “poeira” tem mais preferência do que nós jogadores. Sei que você não tem nada haver com isso, mas você é alguém que tem nome, talvez você se interesse em nossa causa, o basquetebol”.

“Porque no futuro estarei mais preparado para vencer os desafios da vida”.

“Porque com isso estamos perdendo tempo para nos prepararmos para o vestibular”.

“A prática de esportes é uma grande oportunidade para melhorar a saúde”.

“Manter o equilíbrio psicológico das pessoas. Tente praticar esportes e depois estudar que você vai estar mais tranquilo”.

“Porque assim os adolescentes que não têm o que fazer pode se entender em fazer exercícios e praticar esportes. É importante para a minha vida como é importante para as pessoas que antes não iam nem para a escola, mas que agora vão porque gostam de praticar esporte e dizem também que o esporte faz os adolescentes ficarem longe das drogas e de outras coisas que só atrapalham a vida”.

“Porque na educação física a gente aprende muitas coisas novas, aprendemos a respeitar os colegas e respeitar a todos”.

“Talvez temos algum talento e assim pode ser revelado, aprendemos a perder, vencer e respeitar os adversários, também podemos ter uma boa higiene mental e condicionamento físico”.

“Sim, porque ajuda em minha desenvoltura, eu tinha muita vergonha de aprender e meu professor me ajudou muito e hoje sei até muitas coisas”.

Em relação à competição, os alunos afirmam em suas respostas nos questionários, o porquê de não participarem de treinamento e competições nas escolas.

“ Não tenho muita experiência como meus amigos”.

“ As vezes a idade não é a correta de acordo com os jogos”.

“Não temos oportunidade”.

“Não, porque voleibol não tem time direito”.

“Porque eu não tive oportunidade, mas se eu representar, vou dar de tudo para que haja os vitoriosos”.

“Não, porque geralmente eles escolhem os atletas do colegial”

“A escola privilegia alunos do ensino médio”.

“Porque eu não sou boa em esportes e quem participa são os melhores”.

“Não, porque a professora não quis nos inscrever”.

“Não, por falta de treinamento”.

Através dessas respostas pode-se afirmar que a competição no meio educacional na região, privilegia apenas uma pequena parcela dos alunos, principalmente do ensino médio, já que a competição existente na região (Jogos Estudantis do Estado de Goiás) propicia a isso. Não que esses jogos não sejam importantes, pelo contrário, pois além de motivar em uma parcela dos alunos, também é uma forma de vitrine ao esporte estadual e nacional e é uma forma de lazer direto e indireto nas cidades onde são realizados os jogos, sem contar os empregos que são gerados através deles.

Mas onde fica a grande massa dos educandos que não têm a chance e a oportunidade, pois não é desenvolvido um trabalho de inclusão e de iniciação desportiva de qualidade na educação física escolar, principalmente no ensino fundamental, onde se encontram os alunos com as faixas etárias ideais ao desenvolvimento desportivo, pois é a partir dos 10 aos 12 anos de idade, após adquirir toda uma bagagem motora, é que se deve começar a aprender os fundamentos técnicos esportivos (DE ROSE JR.,2002), sem contar que o objetivo do desporto escolar nas escolas é para contribuir na formação da cidadania dos educandos e não para excluir a maioria. Por esse motivo a solução seria a criação de uma competição para crianças até 15 anos, mas com objetivos educacionais.

A competição é um fator de grande estímulo e motivação. De Rose Jr., deixa bem claro sua importância.

É um fator motivante de comportamento que parecem estar na base de conquistas dos estatutos individuais e sociais. Pode-se também entender que a competição, como fator cultural, seja considerada como motor de progresso e de desenvolvimento humano e social, pois, apesar de estar diretamente identificada com o esporte, ela também aparece em diferentes setores da vida das pessoas, como a família, a escola e o trabalho (2002, p. 68).

Os órgãos governamentais têm grande influência nesse aspecto, já que as competições estudantis são organizadas por eles e com isso, acabam as escolas valorizando mais o esporte no ensino médio, e não oferece a base e a estrutura necessária para um desenvolvimento no ensino fundamental, principalmente da educação infantil à 4ª série do

ensino fundamental, que nem professores de educação física possuem, já que não é obrigatória a educação física nessas séries, com exceção das escolas municipais de Pires do Rio que oferece uma pessoa específica para área, mas que não possui graduação.

De acordo com os questionários respondidos pelos diretores das escolas de 8ª série de toda a região, cerca de 83% investem em material didático, mas apenas 8% investem na capacitação dos profissionais.

Sobre a participação de professores de educação física nos projetos pedagógicos nas escolas, os diretores afirmaram que 93% participam.

As atividades mais praticadas nas escolas da região pesquisada são: 31,07% o voleibol; 30,59% o futsal; 18,29% o handebol; 7,73% basquetebol; 1,89% Artes Marciais, 1,57% dança e 8,83% referente a nenhuma atividade. Outro item pesquisado refere-se a qual esporte gostariam de aprender entre as modalidades pesquisadas, 36,58% responderam voleibol, 33,97% o basquetebol e 29,45% o handebol.

Mesmo com todos os problemas que o desporto escolar trabalhado na Educação Física vêm sofrendo na região, seja em relação à falta de planejamento comprometido com o desenvolvimento dos educandos ou melhor infra-estrutura e material didático adequado, cerca de 83% gostam de fazer educação física e 79% gostariam de participar de competições dentro e fora de sua cidade, mas somente 39% dos alunos pesquisados já participaram de competições internas ou externas. 98% afirmaram que acham a educação física e o esporte importantes para a vida.

Não se quer com esta pesquisa que a educação física de 5ª a 8ª série desenvolva conteúdos voltados apenas para aprendizado de modalidades desportivas, mas também para formação de todos os educandos em atletas de alto nível, pois segundo Ulbrich apud Weineck (1999), apenas 6% do percentual de pessoas apresentam um potencial acima da média, o que é um valor alto.

Como já foi mencionado, existe uma deficiência muito grande na literatura a respeito do assunto pesquisado, não permitindo a comparação dos resultados.

5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As deficiências motoras e a falta de conhecimento dos fundamentos técnicos apresentados pelos alunos oriundos de escolas públicas das cidades goianas de Pires do Rio, Urutaí e Ipameri ao CEFET-Urutaí-GO é um problema no que diz respeito a aprendizagem da prática desportiva de qualidade dos conteúdos do esporte ao nível educacional, desenvolvidos tanto nas aulas de educação física como nos treinamentos desportivos.

Por falta dessa base de grande importância na infância, vários educandos acabam se distanciando do esporte, seja por falta de motivação, medo, insegurança ou por terem dificuldade de aprender devido à falta de coordenação motora. Com isso, o desestímulo observado na prática desportiva e na atividade física em geral pelos adolescentes e jovem que ingressam no CEFET-Urutaí é muito grande.

Observou-se na diagnose das turmas de 4ª série do ensino fundamental, que as meninas apresentaram resultado inferior aos dos meninos em relação aos testes de coordenação motora. Esse resultado inferior fortalece a hipótese de que essa deficiência pode estar contribuindo para a fraca participação das mulheres nas práticas desportivas, nos exercícios físicos em geral e também no resultado precário em comparação ao sexo masculino na avaliação teórico-prático das modalidades desportivas.

A modalidade desportiva que apresentou resultado inferior foi o basquetebol, principalmente no sexo feminino. Praticamente nas três cidades, viu-se que a referida modalidade não é ensinada e nem demonstrada nas aulas de educação física.

Podemos então concluir, através dos resultados obtidos, que falta uma educação física de qualidade em relação a pelo menos um dos conteúdos que é o desporto escolar trabalhado na referida disciplina, onde observou-se que a grande parte das modalidades apresentaram frequências observadas iguais as esperadas, principalmente nas cidades de Urutaí e Ipameri. Na cidade de Pires do Rio, as frequências observadas nas modalidades desportivas e nas 4ª séries, apresentaram um resultado inferior ao esperado. sendo que, o

voleibol masculino e 4ª série estadual masculina foram as únicas que apresentaram melhores resultados nas classes B e MB.

A falta de profissionais mais capacitados pode ser outro fator que influenciou no resultado negativo, pois o número de professores formados na área é muito pequeno, apenas 13% possuem licenciatura.

Há necessidade de se rever o esporte trabalhado na educação física. O poder público deveria valorizar, conduzir, supervisionar melhor essa área e aumentar os investimentos, já que o Art. 217 da constituição brasileira, afirma que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um(...) destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional. Dessa forma, com certeza, haveria um percentual maior de atletas que poderiam chegar ao alto rendimento e representar o país, sem contar que haveria também um número maior de cidadãos mais saudáveis, diminuindo o quadro de doenças na população e também os gastos públicos com saúde.

A criação de uma competição para crianças de até 15 anos, tendo também as modalidades de basquetebol, handebol e voleibol, poderia contribuir na motivação dos alunos do ensino fundamental junto a prática desportiva nestas modalidades, já que a competição existente em nossa região é para alunos de até 17 anos. Com isso, os menores de 15 anos acabam tendo dificuldades em participar e também de fazer parte do treinamento de equipes, já que possuem muitas vezes menores condições físicas em relação aos jovens de 17 anos, com exceção de uma parcela pequena de alunos melhores fisicamente e com maior desenvolvimento motor.

Porém, os problemas encontrados no trabalho desenvolvido com o desporto escolar nas aulas de educação física da região vão além da falta de profissionais qualificados e comprometidos com a área. Instalações inadequadas, material didático insuficiente, baixa remuneração salarial e principalmente a necessidade de uma supervisão mais atuante ao trabalho de educação física que é desenvolvido nas instituições, são outros fatores que agravam os resultados que foram obtidos negativamente.

Mediante tais fatos, volto a afirmar que os órgãos governamentais precisam com urgência de uma política mais séria e eficaz para a área da Educação Física Escolar, sobretudo na região das cidades pesquisadas. O Conselho Federal de Educação Física e

seus conselhos regionais precisam atuar com maior rigor na fiscalização dos estabelecimentos de ensino, promovendo a capacitação dos professores.

É preciso mudar esse quadro para que não aumente o número de alunos que chegam ao ensino médio ou na idade adulta, com dificuldades motoras e desmotivados em relação ao esporte e aos exercícios físicos em geral. Por isso, deve-se repensar sobre o trabalho desenvolvido no ensino fundamental das escolas nas cidades de Pires do Rio, Urutaí e Ipameri, não só em relação ao conteúdo deporto escolar, mas também numa educação física inclusiva, que dê oportunidade a todos os educandos. Pois assim, dar-se-á o devido valor a essa área tão importante, na contribuição da formação de cidadãos.

Sugiro a criação de cursos emergenciais na região, como: recreação, desporto escolar, didática, Fisiologia básica do exercício, Treinamento Desportivo, aprendizagem motora etc. Porém, a longo prazo, faz-se necessário a criação de uma Faculdade de Educação Física nesta região, o que contribuirá significativamente a diminuição dos problemas encontrados.

Procurando na literatura formas de avaliação dos fundamentos técnicos das modalidades de voleibol, basquetebol e handebol desenvolvidas nas aulas de educação física, observou-se apenas testes de avaliação para indivíduos com boa praticidade, não cabíveis ao nível dos educandos no final do ensino fundamental. Por esse motivo, acredita-se que seja uma recomendação para que a comunidade científica possa criar formas de avaliação para que sejam utilizados pelos educadores no trabalho do desporto escolar ministrado nas aulas de educação física das instituições de ensino.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C.G.S. **Exercício e Saúde** (in org), Brasília: SEED, 1986.

ASSMANN, H. **Paradigmas Educacionais e Corporeidade**. 3ª ed. Gráfica. Piracicaba: Unimep, 1995.

AZEVEDO A. C. B. & MALINA, A. Memória do Currículo de Formação Profissional em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas: Autores Associados, v. 25, n. 2, p. 129-142, Jan 2004.

BARBOSA, C.L.A., **Educação Física Escolar** – As representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. Shape, 2001.

BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando Voleibol** 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2003.

BRZEZINSKI, I. (ORG), **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam, 7ª ed., São Paulo: Ed.Cortez, 2002.

FERREIRA NETO, A. A Formação Política do professor de Educação Física. In: VOTRE, S. (Org) **Ensino e Avaliação em Educação Física**. São Paulo: Ibrasa, 1993.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. 9ª Edição. Campinas: Ed Papyrus, 2003.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível no site: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acessado em 12/04/04.

DE ROSE JR., D. **Esporte e Atividade Física na Infância e Na Adolescência** – Uma Abordagem Multidisciplinar. São Paulo: Artmed, 2002.

DEVIDE, F. P. & RIZZUTI, E. V. Transformações Periféricas das Representações Sociais de Alunos do Ensino Fundamental Sobre A Educação Física Escolar após Intervenção Pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas: Autores Associados. v. 22, n. 3, p. 117-136, maio 2001.

FERREIRA, A. E. X. et al. **Basquetebol, Técnicas e Táticas uma abordagem Didático-Pedagógica**. São Paulo: Editora USP, 1987.

FILHO, C.C. et al. **Apostila Técnica do Curso Nacional de Treinadores Nível I de Voleibol** Porto Alegre: CBV, 1997.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física..** São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

GAMA FILHO, J. G. Basquetebol na Escola. In: MONTANDON, I. & (ORG). **Educação Física e Esporte**: Nas escolas de 1º e 2º graus. Belo Horizonte: Ed. Villa Rica 1992. p. 105-106.

GO TANI et al **Educação Física Escolar**: Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista. São Paulo: Ed. USP, 1988.

GRECO, P. J. & BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GHIRALDELLI JR., P. **Educação Física Progressista**: A pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. 8ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

GOELLNER & FRAGA. A Inominável Sandwina e as Obreiras da Vida: Silêncios e Incentivos nas Obras Inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas: Autores Associados. v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

KINDELÁN, O. C. **Aprendiendo a Jugar Baloncesto**. Habana: Editora Pueblo y Educación, 1991.

Latitude e longitude do estado de Goiás. http://www.aondefica.com/lat_long_est_r.asp, , acesso em: 10/08/2004.

LEI n. 9.696 de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: <http://www.confef.org.br/>, Acesso em: 29/05/2004.

LEIS E DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.cefetrio.hpg.ig.com.br/EAD/LDB.htm>, Acesso em: 29/05/2004.

MATHEUS, Donald. K.; **Medida e avaliação em educação física**; ilustração de Nancy Allison Close. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1980.

MATTOS, M. G. & NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência**: Construindo conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2000.

MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física**: para além de uma abordagem formal. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

MEDINA, J. P. S. **O Brasileiro e seu Corpo**. 2ª Edição. Campinas: Ed. Papyrus, 1990.

_____. **A Educação Física Cuida do Corpo e “Mente”**. 18ª Ed. Campinas: Ed. Papyrus, 2002.

MONTANDON, I. (ORG). **Treinamento da Coordenação Para Jogadores Iniciantes.** Educação Física e Esporte: Nas escolas de 1º e 2º graus. . Belo Horizonte: Ed. Villa Rica, 1992. p. 105-106.

NEIRA, M. G. **Educação Física. Desenvolvendo Competências.** São Paulo: Ed. Phorte, 2003.

PAULA, Paula de. Os Efeitos do Discurso Neo-Liberalista (Na Educação Física e Particular). In: MONTANDON, I. (ORG). **Treinamento da Coordenação Para Jogadores Iniciantes.** Educação Física e Esporte: Nas escolas de 1º e 2º graus. Belo Horizonte: Ed. Villa Rica, 1992. p. 39-48.

PENNA MARINHO, I. **História da Educação Física no Brasil.** São Paulo: Ed. Latina, 1980.

PCN: **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro07.pdf> Acesso em: 05/05/2004.

PIRES, A. G. M. G. **Concepção de Corpo:** Uma Questão Desconhecida. Ensino e Avaliação em Educação Física; VOTRE et al.. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1993. p. 51-82.

REZENDE, R. **A Linguagem Universal do Voleibol.** Educação Física e Esporte: Nas escolas de 1º e 2º graus. In: MONTANDON, I. & (ORG). Belo Horizonte: Ed. Villa Rica, 1992. p. 105-106.

ROSA NETO, F. **Manual de Avaliação Motora.** Porto Alegre: Ed.Artmed, 2002.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

SCHNEIDER, O. Entre a Correção e a Eficiência: Mutações no Significado da Educação Física nas Décadas de 1930 e 1940 – Um Estudo a Partir da Revista Educação Física.

Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas: Autores Associados, v. 25, n. 2, p. 39-54, jan. 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

SOARES, C. **Educação Física: Raízes Européias e Brasil.** Campinas: Ed. Autores Associados, 1994.

SOLER, R. **Educação Física Escolar.** Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2003.

SOUZA NETO et al. A Formação do Profissional de Educação Física no Brasil: Uma História sob a Perspectiva da Legislação Federal no Século XX. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte.** Campinas: Autores Associados. v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

TENROLER, C. **Handebol, teoria e prática.** Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

TUBINO, M. J. G., **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo,** 11ª Ed. São Paulo: Ibrasa, 1993.

_____. **O Esporte no Brasil, do período colonial aos nossos dias.** São Paulo: Ed. Ibrasa 1996.

VIACELLI S. **Desporto e Rendimento Escolar.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd55/despor.htm>, Acesso em: 16/10/2004.

WEINECK, J., **Treinamento Ideal** (Instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil). 9ª Ed. São Paulo: Manole, 1999.

GLOSSÁRIO

ANÁLISE ESTATÍSTICA	Parte da matemática em que se investigam os processos de obtenção, organização e análise de dados sobre uma população ou sobre uma coleção de seres quaisquer, e os métodos de tirar conclusões e fazer ilações ou predições com base nesses dados.
APRENDIZAGEM MOTORA	Aprender e ter capacidade de realizar movimento.
ARQUÉTIPO	Modelo de seres criados, padrão, exemplar, protótipo.
BAGAGEM MOTORA	Conjunto de movimentos aprendidos.
BETAENDORFINAS	Hormônios que ajudam a relaxar e a reduzir a dor.
BILATERALIDADE	Condição de utilizar a bilateral.
CÂNONES ESTÉTICOS	Padrão de beleza
CAPITALISMO	Sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando o lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços.
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológico

CATECOLAMINAS	Designação genérica da dopamina, adrenalina, noradrenalina e de certos compostos análogos e metabólicos destes, encontrados nas terminações dos nervos simpáticos e em medula supra-renal.
CEFET	Sigla de Centro Federal de Educação Tecnológica.
CEREBELO	Porção do encéfalo situada pósteroinferiormente ao cérebro e acima da ponte e do quarto ventrículo, e que, do ponto de vista funcional, é da maior importância na coordenação de movimentos.
CLASSE DOMINANTE	Parte da sociedade que tem hegemonia política, econômica e social sobre a outra.
CURRÍCULOS EDUCACIONAIS	As matérias constantes de um curso na área educacional.
DESENVOLVIMENTO MOTOR	Desenvolver os movimentos.
DESPORTO ESCOLAR	Esporte praticado no meio educacional.
EDUCAÇÃO FÍSICA HIGIENISTA	Voltada para saúde da população.
ENGRAMAS	Marca definitiva deixada em tecido nervoso por um estímulo.
ENRAIZAMENTO	Formar ligações ou relações; prender-se, fixar-se, estabelecer-se.
ESCRAVOCRATA	Que é partidário da escravatura; escravista; escravagista.

ESPARTILHO	Colete com barbatanas de baleia ou lâminas de aço, que era us. justo ao corpo, em geral por mulheres, para comprimir a cintura e dar elegância ao tronco.
ESPORTES FORMAIS	Que são praticados de forma não espontâneo; que se atém às fórmulas estabelecidas; convencional.
ESPORTES INFORMAIS	Esporte praticado destituído de formalidade.
ESTANDARDIZADO	Padronizado
ETNOGRÁFICA	O estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social.
EXPERIÊNCIAS MOTORES	Experiências de movimentos
BIOTIPOS	Estudo das constituições, temperamentos e caracteres biológicos.
CONSTITUCIONAIS	Diz-se do regime político em que o poder executivo é limitado por uma constituição
FENÓTIPO	Característica de um indivíduo (2), determinada pelo seu genótipo e pelas condições ambientais.
GENÓTIPO	Composição gamética total do indivíduo ou zigoto.
FIXIDEZ	Qualidade do que é ou está fixo; fixidade

FUNDAMENTOS	O conjunto dos princípios básicos de um ramo de conhecimento, de uma técnica, de uma atividade, etc.
HABILIDADES BÁSICAS	Desempenho e elevada potencialidade na realização dos movimento naturais como: andar, correr, saltar, arremessar etc.
INTERNEURONAL	Passagem de um estímulo elétrico
INVASÃO MÓRBIDA	Invasão de doenças num indivíduo ou num grupo de indivíduos.
LATITUDE	Na esfera terrestre, ângulo que faz com o plano do equador terrestre o raio que passa por determinado observador ou determinada localidade; arco do meridiano compreendido entre determinado observador ou determinada localidade e o equador terrestre; latitude terrestre.
LDB	Sigla de Lei de Diretrizes e Bases.
LONGITUDE	Na esfera terrestre, arco do equador terrestre compreendido entre o meridiano que passa pelo observatório astronômico de Greenwich (subúrbio de Londres) e o meridiano que passa pelo observador; longitude terrestre.
LÚDICO	Referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos.

MEC	Sigla de Ministério da Educação e do Desporto, antigo Ministério da Educação e Cultura.
MONOPOLISTA	Pessoa ou entidade que tem ou exerce monopólio
MORFOGÊNICA	O desenvolvimento da forma e da estrutura de um organismo.
NEUROFISIOLOGIA	Parte da fisiologia que trata do sistema nervoso.
NOÇÃO DE DIREÇÃO	Parte da fisiologia que trata do sistema nervoso.
PARTENALISMO	Sistema de relações entre o chefe e os seus subordinados segundo uma concepção patriarcal ou paternal da autoridade.
PEDAGÓGICA	O estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais.
PRECOCIDADE	Qualidade de precoce ou prematuro.
PSICOMOTOR	Relativo aos movimentos corporais determinados diretamente pela mente, ou à atividade mental (neurológica) que controla e coordena os movimentos corporais.
QUI-QUADRADO	Método Estatístico.
SISTEMA NEOLIBERAL	Doutrina, em voga nas últimas décadas do séc. XX, que favorece uma redução do papel do Estado na esfera econômica e social.
TÁTICAS	Meios postos em prática para sair-se bem de qualquer coisa.

TÉCNICAS	Maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo.
TECNICISTA	Qualidade ou caráter do que é técnico.
TÔNUS MUSCULAR	Os músculos mantêm-se normalmente em um estado de contração parcial.
PCN	Sigla de Parâmetros Curriculares Nacionais.

ANEXO A

Questionário para professores de Educação Física

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Co-Orientador: Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Urutaí e UCG)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

1 - Possui a graduação em Educação Física?

Sim () Não ()

2 – Possui cursos de aperfeiçoamento na Área de Educação Física Escolar ou Desporto Escolar?

Sim () Não ()

3 – Está satisfeito com o salário que vem recebendo?

Sim () Não ()

4 – Trabalha em outro local como Prof. Educação Física?

Sim () Não ()

5 – Exerce outro tipo de atividade profissional paralela a Ed. Física Escolar?

Sim () Não ()

6 – Há material necessário para desenvolver em bom trabalho?

Sim () Não ()

7 – Quantos alunos você trabalha ao mesmo tempo?

Menos de 20 () Mais de 20 ()

8 – A quanto tempo atua na área?

Menos de 5 anos () Mais de 5 anos ()

9 – Quais desportos você tem mais dificuldade para ensinar?

Voleibol () Basquetebol () Handebol ()

10 – Quais os esportes você tem mais facilidade de ensinar nas aulas de educação física?

Futsal () Atletismo () Queimada ()

11 – Você acha importante melhorar a coordenação motora dos educandos?

Sim () Não ()

Por quê? _____

12 – Quantas aulas semanais você ministra para cada turma?

01 aula () 02 aulas () 03 aulas ()

Em caso de ter 2 ou mais aulas, elas são alternadas?

Sim () Não ()

13 – Há outro horário somente para treinamento de equipes?

Sim () Não ()

Se a resposta for positiva, quantos treinos semanais? 01 () 02 () 03 () 04 ()

14 – São realizados jogos inter-classes (Olimpíadas Internas) em sua escola?

Sim () Não ()

Se a resposta for positiva, quais as modalidades:

Voleibol () Basquete () Handebol () Futsal () Atletismo ()

Outras: _____

ANEXO B

Questionário para alunos da 8ª série do Ensino Fundamental
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Co-Orientador: Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Urutaí e UCG)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

1 – Quais os esportes que você mais pratica em sua escola?

2 – Quais os esportes que você gostaria de aprender dentro desses abaixo?

Voleibol () Handebol () Basquetebol ()

3 – Você gosta de fazer Educação Física?

Sim () Não ()

Por quê? _____

4 – Você gostaria de participar de competições dentro e fora de sua cidade?

Sim () Não ()

Por quê? _____

5 – Você já participou de alguma competição por sua escola?

Sim () Não ()

Por quê? _____

6 – Você acha que a educação física é importante para sua vida?

Sim () Não ()

Por quê? _____

ANEXO C

Questionário para Direção

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Co-Orientador: Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Urutaí e UCG)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

1 – A escola recebe verba para ser destinado a capacitação do (s) profissional (s) de Ed. Física?

Sim () Não ()

2 – Há investimento em material didático para as aulas de educação física e a prática desportiva?

Sim () Não ()

3 – O trabalho de aprendizagem desportiva ou aprendizagem motora é realizado nas aulas de educação física escolar ou em horários extras?

Ed. Física () Horários Extras ()

4 – O que você acha do esporte ser ensinado nas escolas?

Muito Bom () Bom () Regular () Sem importância ()

5 – Os professores de Educação Física participam dos projetos pedagógicos da escola?

Sim () Não ()

6 – Você acredita que a Educação Física Escolar é importante na formação do educando?

Sim () Não ()

Caso a resposta seja negativa. Por quê? _____

7 – Qual o nível sócio-econômico-cultural dos alunos?

Bom () Regular () Baixo ()

ANEXO D

Ficha de Avaliação Desportiva (8ª série) Modalidade Voleibol

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Co-Orientador: Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Urutaí e UCG)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Turma: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

Nº	Nome do Aluno	Idade	Sexo	Recepção	Toque	Manchete	Saque Tênis	Cortada	Bloqueio simples
01									
02									
03									
04									
05									

ANEXO E

Ficha de Avaliação Desportiva (8ª série) Modalidade Handebol

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Turma: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

Nº	Nome do Aluno	Idade	Sexo	Empunhadura	Recepção	Passe	Drible	Arremesso
01								
02								
03								
04								
05								

ANEXO F

Ficha de Avaliação Desportiva (8ª série) Modalidade Basquetebol

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Turma: _____ Cidade: _____ Data: __/__/__

Nº	Nome do Aluno	Idade	Sexo	Empunhadura	Recepção	Passes	Drible	Arremesso
01								
02								
03								
04								
05								

ANEXO G

Ficha de Avaliação motora para alunos da 4ª série do Ensino Fundamental

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Decanato de Pesquisa e Pós-graduação – Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Agrícola
(Com ênfase em Educação)

Orientador: Prof. Dr. Ornides Cintra Kindelán (Universidade Católica de Goiás)

Co-Orientador: Prof. Dr. Max Wendell de Paula Lima (CEFET-Uruaí e UCG)

Mestrando: Alcyr Alves Viana Neto

Escola: _____ Turma: _____ Cidade: _____ Data: _____

Nº	Nome do Aluno	Idade	Sexo	Equilíbrio	M. Dominante	Lateralidade Mão		Óculo Manual	Motricidade Global	Viso Motora	Noção Direção e Formação de conceito
						Direita	Esquerda				
01											
02											
03											
04											
05											